

MOVIMENTO

BRASILEIRO

PRIMEIRO ANNO
NUMERO 2

Director :
RENATO ALMEIDA



IGUASSÚ

FEVEREIRO

PREÇO 1\$000

RIO DE JANEIRO

MAPPIN & WEBB

JOALHEIROS E OURIVES

100, OUVIDOR

RIO DE JANEIRO

Pedras e Joias finas — Artigos de Prata e
Fantasia próprios para Presentes

Pharmacia Heitor Sampaio

RUA EVARISTO DA VEIGA 30
PHONE CENT. 3191—Próx. ao Municipal

GRANDE STOCK DE DROGAS

— Preços reduzidos —

FOSFOROL

O MELHOR TONICO DA CELULA
ORGANICA

Grandes armazens d'alimentação

DUCHEN

70/70-A, RUA SÃO BENTO

Caixa 497

SÃO PAULO

Especialidades em

BISCOITOS — BONBONS — CHOCOLATES

DOCES — FRIOS

PREZUNTOS — SALCHICHARIAS

SALAMES — CONSERVAS

Mostardas — Pickles — Condimentos

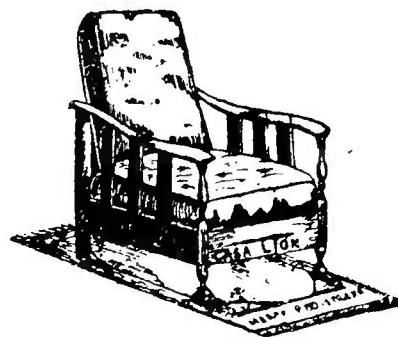
VINHOS

Portos — Champagne — Licores

Massas e macarrão

Expedições para todas as partes contra cheques.

MOVEIS E OBJECTOS DE ARTE
MOBILIARIOS PARA ESCRITORIO



Casa Lion

145, RUA DO ROSARIO, 145

Telephone Norte 5153

RIO DE JANEIRO

"NOVELTY"

COISAS DE ARTE
barão de itapetininga. 59
Phone. 4-7801
S. PAULO

Casa Alemã

Casa Especial

para instalações completas de
maximo conforto.
Maior stock em tapetes, cortinas.
Decorações e fazendas para as mesmas.
Mobílias elegantes de superior execução.
Novos modelos de grupos estofados
e moveis de junco.

Secção recém-creada

Roupas brancas finas para
Corpo — Cama e Mesa e
Roupa de Banho.
Encomendas sob medida.
A nossa especialidade:
Enxovaes finos para noivas
Qualidades boas e solidas.

RIO DE JANEIRO

Orçamentos gratuitamente a disposição sem compromisso.

Praça Floriano, 23

TEL. C. 0049

(Av. Rio Branco em frente ao Supremo Tribunal)

Officinas Reunidas: RUA JORGE RUDGE 120

TEL. C. 4858

MOVIMENTO BRASILEIRO

Revista de critica e informação

PRIMEIRO ANNO
Numero 2

Director:
RENATO ALMEIDA

E O INTERIOR?

GRAÇA ARANHA = JOAQUIM NABUCO

TRISTÃO DA CUNHA - O TONANTE

REVISÃO DE VALORES

Ruy Barbosa

ALBERTO RANGEL - O ALBUM DE HIGHCLIFFE

Problemas de Penetração

PINTURA MODERNA

IGUASSÚ, SALTO GRANDE, APIPÉ

Manet no Carnaval do Rio

A ESTATUA DE BOLIVAR

COMO PENSAM OS ESTUDANTES BRASILEIROS

REPERTORIO

Assignatura annual

Brasil-dez mil reis

Exterior-dois dollares

REDACÇÃO:

Rua da Quitanda, 63

1.º Andar

MOVIMENTO BRASILEIRO

ANNO I

N. 2

E O INTERIOR?

A preocupação pelas cidades é dominante. Procuram ellas synthetizar uma civilização e um progresso, que não correspondem á realidade nacional. Estabeleceu-se assim, e desde logo, um desequilíbrio entre esses centros e o resto do paiz. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Bahia, Recife ou Belem não estão em relação com o interior e, ao invés de serem expoentes, apresentam-se como falsidades flagrantes, sugando todas as fontes da economia nacional para o seu fausto e opulencia.

De toda a fabulosa riqueza que rendeu ao paiz a Amazonia, nos tempos aureos da borracha, que parcelou a redundou em seu proprio beneficio? No entanto, foi a época das grandes transformações do Rio de Janeiro, o maior usufruario do bem commum. Porque o Districto Federal, que tão pouco contribue para a riqueza nacional, ha-de ser o grande consumidor das suas rendas? Porque a União deve pagar quasi todos os serviços de suas utilidades — luz, agua, exgotos, bombeiros, saúde publica, policia civil e militar, só restando á Prefeitura uma parte de hygiene, a instrução publica e a conservação da cidade? Porque os vehiculos, por exemplo, devem pagar licença aos cofres municipaes e ser a sua inspectoría mantida pelos federaes? E porque, nos estados, o phenomeno se vae reproduzir, correndo quasi todas as despesas das capitaes pelos thesouros estaduaes, ao invés de o serem pelos municipaes? Exactamente pelo desequilíbrio que apontamos. As capitaes não são, na realidade, o que apparentam, o que entenderam que devem apparentar, necessitando assim de sacrificios immensos para essa grandeza artificial, extorquidos á riqueza publica, em detrimento da collectividade. Propõem-se a fazer do Brasil um centro de turismo para estrangeiros, ao invés da grande habitação brasileira.

Sobreleva a esse aspecto rudimentar do problema, o lado social, em que se haveria de encarar como primeiro mal, o abandono do interior pelas cidades, dando a estas uma grande população indolente e inutil, gerando essa exhorbitante burocracia, que consome mais de metade da receita publica, com prejuizo tambem para a iniciativa de centenas de moços, estiolados nas bancas das repartições, incapazes de acção e de audacia. E' extranho que a capital do Brasil tenha uma população superior a de 13 unidades da Federação e que a de S. Paulo seja maior do que a de 7 estados e a do Acre. O exemplo de Buenos Aires, se não significasse tambem um absurdo, não teria paridade, porque a capital argentina é o unico centro activo do commercio de todo o paiz. E o Brasil se

divide em quatro regiões distinctas com varios escaudouros.

Enquanto as cidades têm cada dia maiores favores dos governos, o interior é systematicamente esquecido, deixado á mercê das suas forças excassas, a lutar contra toda serie de problemas e embaraços, contra a natureza hostile, contra climas insalubres, contra a angustiosa falta de transportes. Tudo lhe é difficil, tudo lhe é negado. Faz-se uma custosa estrada de rodagem, para ligar as duas maiores capitaes, Rio e São Paulo, entre as quaes correm diariamente varios trens, além do transporte marítimo, via Santos, e o interior, salvo em S. Paulo, vive sem estradas de ferro e as poucas existentes estão em estado lastimavel, incapazes de attender e incentivar o desenvolvimento economico das zonas a que servem.

Em materia de hygiene está quasi tudo por fazer. Saneamos as capitaes, mas, a poucas horas de viagem, entramos naquelle "vasto hospital", que a sinceridade e a indignação de um mestre illustre mostraram aos olhos indifferentes do governo. As nossas cidades opulentas, as avenidas monumentaes, os parques pomposos, todo o urbanismo moderno das capitaes deve esconder o que vae pelo interior, a gafeira que se desenvolve, a miseria das populações, as difficuldades da producção, pela falta de braços e pela ausencia de credito, o estado lastimavel dos trabalhadores, muitos delles em servidão, com tronco e carcere privado, porque até lá não vae o liberalismo do art. 72 da Constituição.

Esta feição do problema brasileiro não póde passar despercebida ao espirito moderno. A mocidade, que deseja integrar o Brasil nos seus destinos, que aspira tornar o paiz uma força viva e fecunda, tem o dever de investigar a essencia dolorosa da questão do interior, a situação dos latifundios, a distribuição do trabalho e as suas condições humanas, as facilidades de credito e de transporte, em summa, a vida rural brasileira, que se debate, impotente, no esmagamento circunstante. E, no tumulto das cidades, não chega o clamor das suas vozes de supplica, que, não se podendo fazer protesto, se perdem inutilmente. E quando nos lembramos que a fascinação das cidades é feita á custa dessa massa immensa de brasileiros, cujo unico direito é pagar o imposto, encontramos assumpto para profundas meditações, que deveriam dominar os homens de governo do Brasil, se não tivessem todo o seu tempo entregue aos jogos das posições politicas, ao xadrez das successões governamentais.

JOAQUIM NABUCO

GRAÇA ARANHA

Joaquim Nabuco é um assumpto privilegiado. Todos que o tocam, biographos, criticos ou leitores, ficam contaminados pelo esplendor do politico, pela graça do escriptor, pelo heroismo do homem. Mas em nenhum estudo sobre Joaquim Nabuco a fascinação se amplificou e ao mesmo tempo se condensou, como no livro maravilhoso, que é a historia da sua vida por sua filha Carolina Nabuco. (*)

O assumpto era seductoramente facil, o trabalho foi extraordinariamente difficil. A profusão de factos e documentos arriscaria abafar a narrativa, se a autora não possuísse o dom da organização, o criterio da escolha, a firmeza na linha medullar, o julgamento rapido e seguro, o sentido da vastidão e da multiplicidade dos scenarios.

As quatro partes, em que Carolina Nabuco divide o livro, correspondem aos sublimes momentos da vida interior e exterior de Joaquim Nabuco: a formação, a acção, a meditação, a radiação final. Na formação é construido pela sua hereditariedade e pelo meio social, em que surgiu, e se constróe elle proprio pelos seus estudos, pela sua expansão no mundo, por todas as magnificas acquisições, que o seu espirito vae accumulando e absorvendo. Não teve o trabalho de criar o quadro, em que teria de desenvolver. Achou-o feito por sua familia patricia, por seu pae todo poderoso, que preparam o prestigioso scenario, em que teria de fulgurar o mais bello e fascinante personagem da politica brasileira. Na infancia e na mocidade, Nabuco não foi um isolado e um obscuro. Era uma projecção, uma continuação da aristocracia intellectual e social do paiz, á qual accrescentou o relevo de um pensamento superior, de uma eloquencia fecunda, de uma civilização soberana.

Na historia espiritual do Brasil nenhuma vida foi mais prodigiosa, que a de Joaquim Nabuco. Só ha outra equivalente, a de Castro Alves. O poeta dos escravos e o paladino redemptor vivem em nossa imaginação em uma atmosphera de encantamento. Castro Alves teve a aureola da morte prematura para lhe engrandecer o culto. Nabuco não teve nenhum infortunio tragico. Teve a victoria da abolição, de que foi um dos heróes pela inspiração e pela bravura. O seu heroismo de separar-se da casta dos senhores, a que pertencia, para defender até ao sacrificio a causa da libertação dos escravos, conquistou-lhe a admiração nacional, que perdura em um sentimento de respeito e amor.

fortalecido pela gloria do escriptor e o prestigio do pensador politico.

A campanha abolicionista foi o facto essencial da acção de Joaquim Nabuco. Viveu para a abolição. O seu pensamento tornou-se genial de intuição politica. Não é unicamente a sensibilidade, que o move na luta pela emancipação, é sobretudo a intelligencia, que comprehende e affirma ser impossivel a existencia de um paiz no Occidente, baseado na escravidão. Joaquim Nabuco, que seria um romantico em literatura, é um supremo realista em politica. Paradoxalmente os romanticos daquelle momento politico eram os escravocratas, que disfarçavam o interesse proprio nas maximas de um direito absoluto, nas ficções do absurdo direito natural de propriedade. Não era romantico Joaquim Nabuco, quando propunha a abolição gradativa, a praso, para dar logar a substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre. Não era romantico, quando demonstrava que só poderia haver progresso da civilização economica e moral no Brasil, quando não houvesse mais escravidão. Era homem do seu tempo, politico intensamente realista, de um equilibrio perfeito para julgar das realidades nacionaes na causa da abolição, como em todas as causas politicas, em que se empenhou, como a federação e o monroismo, que o tempo veiu a realisar, segundo as suas antecipações. Tanto no abolicionismo, como nas outras previsões politicas, Nabuco foi, como elle mesmo se proclamou, um alliado do futuro. Se o tivessem escutado, em 1879 ao apresentar o seu projecto de abolição da escravatura para 1890, esta não teria sido feita quasi revolucionariamente, encontrando desprevenidos os senhores de escravos, e vindo desorganizar o trabalho agricola. Os sonhadores, os romanticos, os desordeiros, não eram os abolicionistas, que viam claro, eram os escravocratas, os reaccionarios absurdos e inactuaes.

Na vida de Joaquim Nabuco o drama da abolição é uma maravilha de entusiasmo, de abnegação, de intelligencia, de audacia dos abolicionistas e ao mesmo tempo de estupidez, de maldade, de teimosia, de arrogancia dos escravagistas. A narrativa de Carolina Nabuco ampla, imparcial, farta de documentos, revive toda a tragedia da luta. E' uma obra prima de exposição simples e commovente. Lá estão os scenarios, que são o parlamento, a imprensa, os comicios e as eleições, as sociedades emancipadoras, os clubs secretos, as barcas, as selvas, as serras da libertação, lá estão os personagens dramaticos, os politicos negreiros, os fazendeiros, os escravos martyres, os oradores abolicionistas, os jornalistas, os estudantes, os "cupins", os jagadeiros, os anonymos, as multidões. E os chefes ne-

(*) A Vida de Joaquim Nabuco por sua filha Carolina Nabuco — 1928. Companhia Editora Nacional.

gros? Luiz Gama, José do Patrocínio e André Rebouças, santo André Rebouças! Nos theatros destinados ás conferencias, enquanto o publico espera para entrar, o palco e a sala são varridos por Patrocínio e Rebouças. (pg. 111) Sublime humildade da raça. Os genios curvam-se. Servir.

Subitamente duas grandes surpresas interrompem a acção de Nabuco, a abolição e a republica. Tudo se precipitara. Joaquim Nabuco contava ter ainda longos annos de actividade abolicionista, que lhe encheriam a existencia, quando a "loucura da abolição" allucinou o povo, conturbou o throno e extinguiu a escravidão. Não tardou a republica. Joaquim Nabuco, que permanece fiel á aspiração autonomista das provincias, realisa pela nova forma de governo, recolhe-se. "Eu não sei, diz elle, se não terei um dia na republica a fé de Thomé; sinto-me incapaz de ter a fé de Pedro e de seguir o mestre desconhecido em um novo apostolado". Assim entra em outra phase da sua vida, que Carolina Nabuco intitula a meditação.

No recolhimento a fé religiosa expande-se, fortalece-se, apura-se, eleva-se. A vida interior é magnifica de mysticismo e poesia. Differente da maioria dos politicos religiosos, Joaquim Nabuco não se circunscreve na fé, para justificar seccamente a autoridade e a oppressão. O seu espirito alegra-se na esperança, humanisa-se na caridade. A sua religião é integral. Ella illumina-lhe, na mais pura orthodoxia catholica, o liberalismo social e christão.

Nesta epoca da sua vida, Joaquim Nabuco affirmase grande escriptor. A propaganda, a oratoria, o jornalismo, o pamphleto politico o tinham desviado da acção litteraria. A abolição tambem deu-lhe a liberdade. Tornando-se homem livre, Joaquim Nabuco consagra-se á historia politica do segundo reinado, e ás confissões da sua vida e do seu espirito. Desta activa meditação dois livros excepcionaes surgiram, **Um Estadista do Imperio** e **Minha Formação**. Não foi unicamente pela profundidade e elevação destes estudos, que Joaquim Nabuco alargou e engrandeceu a litteratura brasileira. Foi tambem pela magia e a novidade da expressão. Depois das tentativas libertadoras de José de Alencar, viera uma reacção de classicismo verbal portuguez, que enfreiu, deformou, esterilizou a expontanea e rica linguagem brasileira para subjugal-a ás fôrmas lusitanas. Joaquim Nabuco não seguiu os reaccionarios. Desdenhou a correcção portugueza e escreveu esplendidamente em uma feliz linguagem incorrecta. Se não foi um radical da lingua brasileira, trouxe uma universalidade de expressão compativel com os seus assumptos universaes e com o seu pensamento civilisado. Por isso os seus escriptos permanecem, duram. A linguagem é a da cultura universal, que pode ser trasladada facilmente para todas as linguas do Occidente, lingua que é um patrimonio commum do pensamento, da sensibilidade culta, como a lingua da sciencia, da philosophia, da

historia e da critica. Dentro desta lingua a magia do escriptor refulge na improvisação do traço graphico, na imagem, no colorido, na vivacidade, na graça, que aligeira a busca da expressão justa e evocadora. O movimento, a roupagem e a densidade não serão do nosso tempo, mas aquellas forças intrinsecas lhe asseguram a duração de grande escriptor brasileiro em qualquer epoca.

As suas contribuições de historiador o fixam para sempre no nosso patrimonio intellectual. E' um classico da historia politica brasileira. Tem a melhor das qualidades para escrever a historia, a arte. O segredo do historiador está na função esthetica. A historia é uma resurreição. Fica-se sabendo e vivendo mais a historia da Inglaterra nos dramas de Shakespeare do que nos tratados dos especialistas, nos memoriaes, nos corpos de documentos. O jogo politico do segundo imperio, as ficções constitucionaes e parlamentares, os denominados estadistas, as questões internas e externas do reinado, tudo isto vive, pullula nos volumes de Joaquim Nabuco pela força da arte criadora, que não importa seja muitas vezes illusoria. Mas vive e é o essencial para permanecer e seduzir. Este dom de escrever a historia Joaquim Nabuco applica-o nas memorias, em que defendeu o direito do Brasil no litigio com a Guyana Ingleza. Não ha em nossa litteratura historica nada superior á sua exposição da conquista do Amazonas e a occupação do immenso dominio pelos portuguezes. A arte é perfeita. Nabuco, mesmo no Amazonas, não se perde na floresta dos factos. Encontra sempre o caminho, a clareira e vê-se pelo prodigio da sua evocação a invasão portugueza pelos illimitados rios, pelos igarapés, pelos lagos, pelas mattas, pelos campos, dominando a selva selvagem, conquistando-a, occupando-a senhorilmente, pela força da expansão racial e pela razão de estado. Vê-se esta infinita "terra molle e humida ainda enxugando do diluvio" na posse de Portugal, que a livrará da cubiça dos hespanhões, dos hollandezes e dos francezes para entregal-a um dia, intacta e cheia de esperança, áquelles seus successores, que serão os brasileiros. Para o maior exito desta obra de arte não teria contribuido a attracção, que a Amazonia exerceu sempre em Nabuco? Elle confirmou, quando deputado em 1885, "que se occupava com os assumptos do valle do Amazonas desde muito. Desde menino, affirma, a grandeza dessa região e as suas maravilhas fascinavam-me o espirito e a imaginação. Eu tenho lido quasi tudo o que ha escripto sobre a natureza e o estado actual desse admiravel territorio". (pg. 212). Vinte annos depois cabe-lhe defender a integridade brasileira do Amazonas. Ha no seu formidavel trabalho o entusiasmo de quem defende uma patria secreta da sua infancia imaginativa.

O escriptor, o pensador catholico, o historiador politico tiveram de voltar á acção nacional. O paiz assim o exigiu e o patriota obedeceu. No espirito

O TONANTE

Tristão da CUNHA

De Francis Jammes a Victor-Hugo a distancia é grande, uma opposição polar. Dentro da esphera da poesia o propheta emphatico e o doce franciscano se encontram e se separam. E ambos são creadores de belleza.

Victor-Hugo é uma projecção cyclopica do burquez, e assim verdadeiramente o maximo expoente poetico do seculo XIX. Seu genio, sua revolta, sua furia erotica, tudo opera dentro dum legalismo ampliado. Seu modelo podia ser aquelle espantoso Booz, de cujo ventre viu elle sahir um carvalho alto de chegar ao céu, mas que trazia bem policiadas as cousas da fazenda.

Sua attitude ethica era a transposição sobre-humana da moralidade pedagogica, a sujeição das estrellas a um cathecismo civico. Sua visão esthetica tem um aspecto regulamentar, parece organizada no ministerio da Instrucção Publica.

Elle é um espectáculo desconcertante, junto á relativa unidade dos seus vizinhos em gloria — o aristocratico pessimismo de Vigny, o sentimento de Lamartine, o sentimentalismo de Musset. E' uma força da natureza canalizada, ainda tumultuosa e contradictoria. Mas prodigiosamente creadora.

classico de Joaquim Nabuco havia sempre presente a lição socratica do Criton. E' a ultima phase da sua vida maravilhosa. E' a radiação final, como denomina Carolina Nabuco e nella fulgura Joaquim Nabuco advogado dos direitos do Brasil na questão de limites com a Guyana Ingleza e primeiro embaixador brasileiro em Washington. A actividade é uma das características de Nabuco. A sua "meditação" é a suprema actividade do seu espirito. Desta radiação final pode-se dizer que ella foi uma admiravel e intensa radioactividade de todo o seu ser. Assim elle produziu aquelles extraordinarios livros, que são as memorias da defeza do direito do Brasil. Do valor juridico dessa defeza ninguem podia julgar melhor do que Ruy Barbosa, que considerou "o trabalho maravilhoso e colossal de paciencia, de critica, de argumentação e de talento. Bastaria elle só para lhe honrar a vida e fazer o nome... O trabalho do nosso advogado foi gigantesco. Eu o percorri todo e neste genero de literatura não lhe conheço coisa comparavel". (pagina 423).

Em Washington, Joaquim Nabuco foi o embaixador incedivel pelo genio politico, pela eloquencia, pela cultura, pela sympathia. Excedeu em brilho embaixadores, como Jusserand e Bryce, fascinou Roosevelt e Root. Neste esplendor, morreu aos sessenta annos, naquella eterna mocidade de espirito, que o

E isso o mantem vivo. Com seu verbalismo, com a superficialidade da sua philosophia, com o seu excesso e o seu mau gosto, com as longas differenças (mais longas que o tempo) entre a sua mentalidade e a nossa, elle ainda nos domina. Tem os grandes segredos da imagem e da expressão. Ousa seguramente. Sabe voar.

Delle não me lembra nenhuma pagina. Mas ha versos, achados de expressão, cujo relampago me deixou marcada a fogo a memoria.

Aquillo sobre o inferno, — vago, profundo e temeroso:

"Une chute sans fin dans un gouffre sans fond"...

"Ou os versos sobre a mulher morta, cheios de uma ousadia casta, que lembra o Dante:

Voilà longtemps que celle avec qui j'ai dormi,
O Seigneur, a quitté ma couche pour la votre...

Ou aquelles em que murmuram as desolações secretas da ternura:

Tout enfant, tu dormais.....

.....

Les pleurs mouillaient mes yeux, quand

[je songeais aux choses

Qui nous attendent dans la nuit...

Dizendo angustia metaphysica, desespero amoroso, cuidado paterno, sempre a sua voz se prolonga e resôa no infinito. E isso é em definitiva a poesia.

livrava do desconsolo, do desanimo e da tristeza. Joaquim Nabuco viveu em estado de graça, sem amargura, sem rancor, na angelical aceitação do destino. Se os livros intimos, *Minha Formação*, *Pensées Détachées et Souvernirs*, ostentam esta magia espiritual, as cartas aos amigos e principalmente á esposa, de que Carolina Nabuco nos dá profusos excerptos, são ardentes e dulcissimas confissões de uma alma transcendente de graça, bondade e resignação. A amizade em Joaquim Nabuco foi um dom ineffavel. Elle tinha este sentido aperfeiçoado extremamente, como tinha o talento e a eloquencia. Pela força da sua sympathia universal transportava-se a todos os seres, especialmente aos humanos, e destes aos que dava a sua affeição. Não é possivel ninguem ter sido maior e melhor amigo. Quando um dia Carolina Nabuco publicar a correspondencia de Joaquim Nabuco, então se conhecerá totalmente a dosagem de bondade do coração do homem santo, cuja vida deve ser meditada na leitura deste livro essencial pela mocidade brasileira, para a qual o heroismo de Joaquim Nabuco, batalhando abnegadamente pela liberdade dos escravos e por todas as suas idéas, será uma fonte de energia, e pelos homens politicos, que testemunharão em Joaquim Nabuco a edificante alliança do talento, da cultura, do senso relativista e da graça com a tolerância, a doçura e a humanidade.

REVISÃO DE VALORES

A critica é um incessante revisão de valores e a que intentamos agora procura determinar o que perdura na contribuição dos nossos maiores escritores ao patrimonio espiritual do Brasil. Este phenomeno da duração é o mais raro e mais precioso que pôde succeder a um autor. Que privilegio é esse de atravessar camadas de sensibilidade que se vão sobrepondo no tempo, permanecendo elle sempre vivo, interessando sempre ás gerações que se vão succedendo? E porque outros, que foram dominadores do seu tempo, envelhecem rapidamente, perdem os seus escritos a vibração e morrem, restando apenas o nome isolado dos seus livros, que ninguem mais lê?

A nossa revisão é uma experiencia critica do valor dos escritores brasileiros, em relação ás coisas do tempo e uma indagação do desti-

no que lhes está reservado. Não discutiremos as suas idéas, ou a projecção que possam ter fóra da literatura. Procuraremos fixar a essencia de cada um delles a sua correlação com o nosso tempo, o que sobrevive e o que morreu. A nossa analise será serena e desinteressada, intervindo nella, como em todas as dessa ordem, os elementos inseparaveis da sensibilidade e do juizo dos julgadores. Estes os collocarão dentro do espirito moderno, procurando reflectir as suas tendencias mais caracteristicas. E nisso estará, por certo, o maior merito desta tentativa.

Julgamento transitorio e relativista, como tudo na vida, será revisto por outros, mas quer exprimir com segurança o depoimento dos que, nessa indagação, procuram estabelecer as grandes referencias espirituales do Brasil futuro.

RUY BARBOSA

A essencia do temperamento de Ruy Barbosa foi a de um extraordinario advogado. Não foi um pensador, nem um grande escritor. Transformava todos os assuntos, de qualquer ordem que fossem, politicos, literarios, philosophicos ou sociaes, em causas e, no ataque ou na defesa, era sempre o advogado. E a sua grande causa, a questão a que serviu com a mais inflexivel fidelidade, durante a vida inteira, em todas as contingencias, através de todos os perigos, foi a da liberdade. E ahí está a sua maior gloria, a parte mais viva da sua acção. Pela liberdade, foi abolicionista, foi federalista com ou sem a monarchia, combateu a tyrannia de Floriano, advogou, na Haya, a igualdade dos estados, agitou a nação na campanha civilista, chamou a America ao seu posto de responsabilidade, durante a guerra, mostrando que, entre o direito e o crime, não ha neutralidade possivel. A força de Ruy Barbosa está assim, na fidelidade ao liberalismo, que foi a marca de toda a sua obra, no governo provisorio, na legislação que elaborou, principalmente na Constituição, que, se pôde ser condemnavel na estructura, por desconforme com a realidade, é um grande documento liberal, onde só a custo consentiu na introducção do estado de sitio, prevendo que se tornaria uma arma poderosa contra os direitos nella assegurados. E, em Ruy Barbosa, esse amor á liberdade suscitou grandes entusiasmos e conquistou-lhe a dedicação da mocidade, até ao sacrificio.

Sendo um grande advogado da liberdade, Ruy Barbosa não deixou de ser, em essencia, um retorico e um politico romantico. Não tendo forjado, como Vieira, a sua expressão, utilizou-se do instrumento do jesuita, adornando-o com empréstimos de Castilho e de Camillo. Por isso, a sua fórmula estava fóra do tempo, escrevendo numa lingua envelhecida ou morta, que só vivia pelo interesse do assunto, pela questão do momento. Tanto foi assim, que, quando um editor, em 1921, pretendeu reeditar os seus artigos contra o trono, que fizeram epoca, e publicou **A Quêda do Império**, ninguem se commoveu e pareceram inteiramente mortos.

Ruy Barbosa tambem não se impregnou da cultura do seu tempo. Com prodigiosa informação erudita, talvez soubesse de tudo, mas o jogo das idéas, a assimilação philosophica, elle nunca teve. Versaria com prolixidade qualquer assumpto, citando, citando, citando, mas era incapaz das syntheses do conhecimento, que são verdadeiros precipitados de cultura. Um exemplo curioso, mostra que, mesmo em materia social, estava em disparidade com o tempo. Quando, em 1919, em campanha politica, fez uma conferencia sobre a questão social, limitou-se a um capitulo erudito de direito industrial, sem abordar nenhum dos grandes problemas sociaes, das modificações no regime economico, das transformações do estado, da essencia revo-

lucionaria que, dois annos antes, se firmára na Russia. Deslumbrou, muitas vezes, pela facilidade e pela applicação, que são recursos artificiaes e passageiros.

Não foi, portanto, Ruy Barbosa um criador, nem mesmo um escritor desinteressado. Todas as suas paginas literarias são destituídas de graça, ou de poesia. Muito o compararam a Cicero, mas, se era capaz de proferir as **Catilinarias**, não escreveria nunca as **Cartas**. Notaveis pela força, com que advoga as causas, que ellas encerram, são, por exemplo, nas **Cartas da Inglaterra**, a que defende Dreyfus e a que ataca Rosas, esta sobretudo, porque, no combate ao ditador argentino, renovava o seu odio á tyrannia que, então, pesava sobre o seu paiz e o condemnava ao exilio. Mas o ensaio sobre **As Bases da Fé**, de Balfour, não tem sufficiente substancia philosophica, cujo cultivo não possuia intensamente. O senso critico era-lhe desmedido e impreciso. Vagava segundo as suas paixões. No seu entusiasmo por Castro Alves, encontrou lampejos de Eschylo, Dante, Shakespeare e Victor Hugo! Os seus escritos, fóra da objectividade politica, o discurso a Anatole France ou a oração no tumulto de Machado de Assis, são paginas sem vibração, dignas da Academia Franceza ou Brasileira.

A frase de Nabuco, que fez praça, affirmando que considerar Ruy Barbosa artista equivaleria a dar esta qualidade a Krupp, não tem propriedade. Porque nós podemos julgar Krupp um artista da mecanica, um criador de fórmulas materiaes capazes de despertar uma emoção esthetica. E Ruy Barbosa não foi um criador, nem mesmo em direito, em que toda a sua obra é de um extenuante commentario.

Em Ruy Barbosa era excepcional o seu celebrado genio de aggressão. Quando picado, toda aquella sua fórmula pesada e passada, tódo aquelle classicismo cacete, tudo aquillo, que era grave e monotono, se transmudava de subito, em coisa viva, ardente e atrevida. O purista abandonava os escrúpulos e ia buscar até na gíria a expressão adequada. A historia dos tatús e dos perdigueiros, o chantecler dos poteiros, Caim, ou a carta ao senador Salgado, são satiras extraordinarias, cuja força perdôa o mau gosto, porque ahi, sim, ha uma grandeza, ha farça, ridiculo, mordacidade, invectiva. Nesse genero, Ruy Barbosa tem o melhor da sua producção literaria, porque o verbalismo perde os excessos das tiradas retoricadas, para ganhar o vigor e a propriedade do ataque e da aggressão.

Naturalmente não se póde affirmar com precisão, o julgamento do Brasil futuro sobre Ruy Barbosa. Mas se póde prever alguma coisa, observando-se as linhas geraes da evolução intellectual, em que vamos caminhando. Ruy Barbosa ficará para sempre incorporado á historia politica como o prodigioso advogado da liberdade e o principal legislador da formação republicana. O seu renome literario se vae apagando. A lingua, em que escreveu, está morta. Cada dia a lingua brasileira avassala mais a velha lingua portugueza. O

MANET NO CARNAVAL DO RIO

Por uma coincidência, nesta mesma época, em 1842, o Carnaval caiu, como este anno, nos primeiros dias de Fevereiro. E estava aqui, então, para assistil-o o grande pintor francez, Edouard Manet, cuja impressão do nosso meio foi tão violenta, que determinou a sua pintura revolucionaria e nova, a conquista impressionista. Se não tivémos ainda um pintor com força sufficiente para dominar esta natureza, tivemos, ao menos, a gloria de ter inspirado a um artista de genio a renovação da pintura universal.

Chegou Manet ao Rio, a 4 de Fevereiro de 1842, a bordo do **Havre et Guadeloupe**, como guarda-marinha. Foi de deslumbramento pela natureza a sua impressão, já que a velha cidade colonial e exotica não o podia interessar. Na noite de 9, começou o carnaval e o joven guarda-marinha foi empolgado no tumulto voluptuoso e ardente do entrudo, dos sambas, dos bailes, das festas, na grande maravilha, que as suas cartas descrevem com simplicidade e emoção.

Nesse carnaval, uma das coisas que Manet achou mais curiosa foi o jogo dos **limões de cheiro**. E conta as batalhas, referindo um facto interessante, mas duvidoso. Quando uma senhora atirava um limão certo no rosto ou na nuca de um rapaz, este tinha o direito de subir á janella, onde se encontrava a moça de boa pontaria, e beijal-a na boca. Em 1842, tolerariam nossos bisavós essas confianças?

Mas a sua maior impressão foi o carnaval dos negros. A extranha magia das côres e dos sons, os rythmos allucinantes, em que gingam os corpos freneticos nos sambas desenfreiados, toda essa loucura foi para Manet um sonho que nunca mais se dissipou, perdurando na sua retina, como a luz maravilhosa do Brasil, a sua mais fiel inspiradora.

estilo de Ruy Barbosa é dessa lingua dura, pedregosa, immovel. O estilo brasileiro de hoje é vivo, ardente, vario, surpreendente, rico de palavras e de phrases, testemunho de uma sensibilidade e de uma actualidade, que Ruy Barbosa não exprimiu. Elle perdeu a batalha pelo classicismo verbal portuguez, que a mentalidade nova do Brasil rejeita.

Destituído do poder criador de José de Alencar e de Machado de Assis, privado do encanto de Joaquim Nabuco, sem a solida serenidade de João Francisco Lisboa, sem a força renovadora e a cultura ainda actual de Tobias Barreto, Ruy Barbosa, que tanto falou no presente, não falará na posteridade brasileira, como já não falam, para nós, Evaristo da Veiga, Bernardo de Vasconcellos, Salles Torres Homem, José Bonifacio, o moço, e José do Patrocínio.

O ALBUM DE HIGHCLIFFE

ALBERTO RANGEL

Noticiava o "Bryan's Dictionary of Painters and engravers" que o inglês Carlos Landseer fizera no Rio de Janeiro "a large number of sketches". E alguns desses desenhos haviam apparecido na exposição de 1828 da "The British Institution". Taes affirmações não pareceram interessar aos varios rebuscadores da historia da Arte concernente ao Brasil. A relativa pobreza da nossa iconographia não os incitou á conquista de mais alguns novos elementos a esse respeito e que essas concluidas publicações britannicas annunciavam.

Em 1828, effectivamente, na "The British Institution", sociedade particular, que não existe mais e sob o patrocínio da qual se fizeram em Londres varias exposições na galeria construida por Alderman Boydell para a "Shakespeare Gallery", apparecera um quadro de 1.10 × 1.7 assignado por Carlos Landseer e intitulado "Groupe of Portuguese Peasant". Reproduziram-no na pequena gravura de que um exemplar se conserva no "Prints and Drawing's Department" do Museu Britannico.

A affirmação do dictionario biographico de Lee, a fiar-se nos catalogos da "The British Institution", recolhidos por Algernon Graves, não parece ser exacta. Foi em 1827 que Carlos Landseer expoz um trabalho sobre o Brasil, resultado provavel do seu pulo transoceanico. Tratava-se de uma tela de 2.5 × 2.11, denominada: "The interior of a Brazilian Rancho in the province of Santo Paulo, with a travelling merchant, his slaves, merchandises, etc." Esse quadro, que se saiba, foi o unico traço publico e official deixado pelo pincel de Carlos Landseer de sua estada no Brasil. Onde se encontrará essa composição, excellente a contrapôr á que fôra produzida pelo afamado Edwin Landseer, irmão mais moço de Carlos Landseer e nomeiada: "Interior of a Highlander's House", para os julgamentos da critica que balanceasse as qualidades dos dous artistas, de que um foi tão obscurecido pelo outro?

Além dos cento e dez trabalhos de Carlos Landseer, desde a "Dorothea", a primeira tela que expusera em 1828 na "Royal Academy", ao auto retrato enviado ao mesmo instituto em 1879, nenhuma referencia existe aos seus desenhos brasileiros, senão as vagas citações de Bryan e de Lee.

Foi por uma vespera de Natal de 1924, que os desenhos de Carlos Landseer, realizados no Brasil, se nos depararam no local, aliás, onde era natural que se achassem, conservados no segredo e carinho, que de costume rodeiam as lembranças de familia, na senhorial e antiga residencia de Carlos Stuart, o qual havia sido, em 1825, delegado pela Inglaterra e Portugal ao Reconhecimento da Independencia do Brasil.

Não longe de Southampton, nessa borda da Mancha, **fairyland**, cujas collinas de suave contorno ressaltam com sua relva gorda na moldura de carvalhei-

ras grenhosas, estabeleceu Carlos Stuart, marquês de Angra e barão de Rothesay, o bello dominio, que se rasga no panorama da bahia de Christ-church, voltada para as agulhas da ilha de Wight.

Depois de haver engulido em 1794, nesse ponto da costa, o castello do terceiro conde de Bute, avô de Carlos Stuart e primeiro ministro de Jorge III, o oceano alli se estabilizára por effeito de numerosas obras de drenagem que lhe rectificaram a orla do avanço sismico numa regra de bem viver. Carlos Stuart para realizar a doce ambição dessa magnifica moradia num velho canto familiar, adquiriu as terras que haviam pertencido ao pae, o celebre general, e seu homonymo, da guerra peninsular. E tomou o diplomata da vareta de condão do velho Prospero, que inspirado do céu e do mar, traçasse aos molinetes nas aragens do largo a mansão encantada para a joia da filha.

Começou então a erguer-se em 1835, do meio das dunas hampshireanas, o opulento edificio graciosamente torreado, todo offerecido pelos rasgões das altas janellas envidraçadas ás caricias do sol e das brisas mareiras da Gran Bretanha. Para o cunhar de mais sublimidade poetica inscreveram-se-lhe na frontaria alguns versos de Lucrecio. A platibanda incrustada da estrophe do romano e epicurista olha o oceano, extasiada da harmonia latina, a qual se trança patheticamente no alto dos muros para quebrar o que houvesse de restricto e friamente saxonio no recorte das pedras anglicas. Encastou-se-lhe tambem na fachada do lado sul a janella do castello de Andelys, perto de Ruão. A peça unica e veridica da architectura medieva desabotoava-se na camara em que expirara um rei de Navarra. Removida para alli sellava a modernidade do castello de Highcliffe com o tom historico e perfume de antiqualha, de que só o tempo detem para as suas victimas os preciosos e consideraveis segredos.

No edificio, gisado na esplendida fantasia do constructor de um lindo sonho para seu uso proprio, accumulou Carlos Stuart as riquezas que sua estadia em diferentes côrtes europeas e gosto dos mais apurados déra a oportunidade e o bom tom de escolher e colligir. E' assim que, além do mobiliario do rei José Bonaparte, desses gobelinos de Luiz XIV surripiados á Malta por Bonaparte, d'esses moveis de Boule, d'esses candelabros, paineis, arcas, porcellanas de Dresde, do Japão e da China, incunabulos, majolicas, e tantas outras preciosidades regorgita a soberba residencia do diplomata britannico, cabida successivamente por herança a uma de suas filhas, a bella e bondosissima marquesa de Waterford e por derradeiro ao seu sobrinho, sua excellencia o major general E. Stuart Wortley.

Perdido no espolio de esplendores e raridades, no relicario architectonico das bordas da Mancha, o album de Carlos Landseer.

Nomeado por Canning — o grande cosinheiro da politica de emancipação sul-americana — interventor especialmente delegado para deslindar num caso de familia o problema da separação definitiva entre Portugal e o Brasil, Carlos Stuart tratou de incorporar aos funcionarios de seu sequito um artista pintor para o registo do que lhe apparecesse interessante na grande volteada pelos dous continentes. Obtido o consentimento do gravador e archeologo João Landseer, pae e mestre de Carlos Landseer, recahiu a escolha de Stuart sobre este artista que tinha então vinte e seis annos e se contentara de um modico ordenado.

De regresso á Inglaterra reclamara Carlos Stuart o conjuncto de todos os trabalhos do artista annexado á sua missão. Respondera-lhe João Landseer a 18 de Outubro de 1826, essa pretensão do diplomata não se coadunava com as condições especiaes em que seu filho fôra admittido em sua companhia, isto : "he was to be allowed to employ part of his time in studying colour of Form as occasion might offer, for his owne future use".

Compromettera-se apenas Carlos Landseer, em relação a Stuart, affirma-o o seu progenitor, "to delineate for you such scenes of a popular character, connected with your mission as you might be aleased to piont out". Comtudo, Stuart exigira do artista, pois que nesse intuito o estipendiara, a totalidade de seus trabalhos.

De outra parte, João Landseer refere-se a "numerous unfinished works", trazidos do Brasil pelo filho, os quaes, demonstrando o seu talento, eram, pelo facto de não se achar concluidos, improprios a "ornaments of a nobleman's collection".

O "note-book", lardeado de alguns desenhos que não são de Landseer e encontrado em Highcliffe, representa um volume de $0,49 \times 0,61$, encadernado em couro e recamado de filetes dourados. Contem elle trezentos e quarenta e cinco desenhos a lapis, a penna, a sepia, a aquarella, distribuidos em 125 paginas, os quaes se seguem registando aspecto de typos e paizagens colhidos na marcha do medianeiro britannico, que arrastava o seu fardo de accôrdo e pacificação internacional das calçadas de Lisboa aos diversos portos do litoral do Brasil.

De certo esse album longe está do valor artistico, por exemplo, do de Ingres, tambem descoberto ultimamente e ambos traçados mais ou menos pela mesma época. No do artista francês já se acham fixados os pequenos debuxos com a mão firme, correcta e pura de um aprendiz de milagres da Belleza, com a lição das graciosas e perfeitas linhas de copia a Antigos florentinos, nos quaes elle habituava a pupilla e a mão predestinadas. Tambem por outros motivos esse punhado de desenhos de Carlos Landseer não se póde comparar aos do mesmo genero e semelhante assumpto assignados por João Baptista de Bret ou João Mauricio Rugendas. A obra d'estes é intencional e acabada, ornada dos mesmos dons, manifestos com a mesma expressionalidade e preocupação documental. O seu impressionismo, mesmo no arranjo um tanto artificial dos grupos scenicos de seus quadros, tem a frieza de um sentido puramente historico e demonstrativo.

De differente intenção e natureza é o trabalho de Carlos Landseer. Seus desenhos têm o sabor de feitos sem outro intento que a mordente apprehensão do instante que foge. Corôa-os a significativa imperfeição do que se tacteia no primeiro repente. O artista

A CASA DO ESTUDANTE BRASILEIRO EM PARIS

O governo do Brasil acaba de sancionar a resolução legislativa que o autoriza a estabelecer, na cidade do estudante, em Paris, a Casa do Brasil, onde os nossos patricios, que desejem estudar naquella capital, encontrarão um centro para se fixar. A idéa encerra um significado profundo em favor da nossa cultura e por igual representa mais um preito á amizade que nos une á França. Escolhendo Paris para centro de estudos de brasileiros, o nosso governo reconheceu o primado da cultura franceza, que é irrecusavel, e contribuiu para que se firme com actuação cada vez maior. Nesse particular, quasi só nos resta applaudir, pois seria difficil dizer alguma coisa de novo sobre a approximação intellectual entre os dois paizes. Seria repetir que aurimos o melhor da nossa cultura, não só do espirito francez, como através da lingua franceza, por cujas traducções nos chegam, na maior parte, os grandes monumentos do conhecimento erguidos em outras partes. Seria repetir que, por identidade espiritual, temos sempre os olhos fitos na França e no seu desenvolvimento, como mestra segura e amiga. Seria repetir que os livros francezes, como a vida, a actividade, o progresso da França, nos são familiares e ha um constante reflexo francez sobre a alma brasileira. Mas, tudo isso está tão bem na consciencia nacional, cimentado em horas duras de provações e em instantes radiosos de alegria e entusiasmo, que é inutil nos alongarmos. A casa do estudante brasileiro em Paris será uma nova contribuição nesse magnifico esforço, retribuindo, aliás, varias demonstrações francezas, em favor da nossa intelligencia.

habituava-se, no estudo das apparencias sobre que ia volitando, ao acaso dos encontros iniciaes de sua grande aventura, na cauda de uma embaixada. Proseguia elle a sua educação esthetica, respirando longe da atmosphaera abafada da officina europeá. Seu lapis, vagabundo e feliz, borboleteava por onde não reboaria a voz do Mestre, intimando as proporções do canone de Apelles.

Annotaria Carlos Landseer o porte de estranhas gentes, o segmento de horizontes inauditos, no esforço de habituar-se a uma luz e civilização que longe lhe andavam das brumas do Tamisa e do gyro febril dos conterraneos, occupados na City. Desenvolviam-se-lhe os pendores do gosto nas sensações do Novo e do Real, multiplicando-se-lhe com a mudança de ares o kaleidoscopio dos reflexos interiores com que a crysalida do instincto lhe fosse desabotoando as azas multicores...

Nos desenhos do "sketch book" ha indicios duma emoção que se afia, de uma organização que aprende, tacteando formas e caminhos da eterna miragem que tem por nome a mesma Perfeição. São um duplo documento, de um lado pelo interesse propriamente testemunhal do seu depoimento graphico, de outro por significarem as tentativas da attenção a um meio que por tão extraordinario somente pode

ser apreendido pelo exótico peregrino aos bocadinhos, na colheita das minúcias que lhe andavam mais ao pé. "O rancho dos paulistas", apresentado publicamente em 1827 por Carlos Landseer, não se reproduziu em trabalhos rematados sobre outros trechos de impressão formal e pessoal trazida da terra tropical. Ficaria esse quadro a única demonstração official do seu temperamento de homem do norte ante essa fulgurância da portentosa natureza toda em extremos de inferno e paraíso.

Nas raríssimas vezes em que Landseer tentou apañar no Brasil a luz cujas radiancias irrompem no tom violento e borbotante das fusões metálicas, esse artista poz-lhe por cima a transferência do véu azulino em que se extenuariam as tremolinhas do brasido. Os olhos encandeados do pintor lhe resistiriam a se apropriar á definição dos chammejo e reverbero dos fogos que inda não comprehendesse... A tinta que lhe escorria da palheta tinha qualquer cousa da veladura das nevoas que a tarde estende em Setembro nas abertas do Hyde Parque.

O traço fino e captante do lapis de Carlos Landseer occupa-se entretanto com amor em minuciar os entrefolhos da floração architectural dos Jeronymos, das paizagens em que a vegetação intertropical põe um velo crespo e comesinho de galhos e de palmas em desordem. As figuras sahem-lhe do bosquejo num recorte natural e preciso. Aqui no mar é o companheiro de bordo alongando o oculo na amurada do "Wellesley", acolá em terra o negro atado ao pelourinho em que lhe cosem as carnes com um punhado de lategos mordentes. Além a praia se alonga quasi deserta, marchetada de casebres. Alli a imperatriz Leopoldina se escancha sosinha no seu cavallo de passeio, maltratada no triste aspecto de renunciada das glórias do sexo a que a corôa imperial arvorada numa aldeia impozesse a melancholia e abandono das desterradas sem culpa... Saloios, negros, marinheiros e mercadores...

Tudo isso entretanto tem o ar um tanto fugidio e alheio do transeunte que passou de longe, espiando para dentro da marmota com que o haviam mimoseado... Se nos dá a physionomia da Joanna do Rio Cumprido, desdenha Carlos Landseer para a sua galeria de retratos a favorita imperial do imperador já no throno de soberana do seu soberano, dos varios grandes do Imperio com quem Stuart se disputou, perdendo a calma protocolar dos legados, das figuras mais celebres ou curiosas da Côrte, o Chalaça ou o Anemuria, e até mesmo a effigie d'essa D. Maria Sodrê, que se candidatava aos favores especiaes de Stuart num papel de carta decorado de rosas: "eu desejaria hir a noite a hora q. V. Ex. me determinasse ainda que seja tarde..." (1)

Da sociedade brasileira propriamente dita não ha maiores écos nos desenhos de Carlos Landseer. O granito scenographico das rochas da bahia do Rio de Janeiro obumbraria o possivel observador social. O temperamento britannico e certo exclusivismo de seccura ou prevenção habituaes ante o espectáculo de sociedades heterogeneas ou mal formadas, afastariam Carlos Stuart na sua grande jornada de contactos sociaes, que aliás bem lhe haveriam servido a maiores exitos na delicada função politica de que se investira. Resentiu-se o lapis do artista aggregado ao embaixador d'essa singularidade de attitude nas reservas quiçá imitadas do seu chefe, o qual preferiu a aproximações de sensibilidade com os habitantes, ilhar-se em

PROBLEMAS DE PENETRAÇÃO

Porque o governo abandonou, desde 1922, a construção de estradas de ferro? Por causa da situação financeira não comportar os gastos extraordinarios de novas estradas. Ultimamente, a estabilização, exigindo o equilibrio orçamentario, tornou mais imperiosa essa politica. No entanto, que é a situação financeira senão um reflexo da economica? Ora, as finanças dependem, antes de tudo, do desenvolvimento das fontes de produção, a menos que se façam equilibrios ficticios. E, para se ter, no Brasil, um augmento de produção nada mais necessario do que facilidade de communicações e frete barato. A politica financeira não desaconselha, pois, antes incentiva a necessidade de retomar a actividade ferroviaria, porque o dinheiro nisso despendido fructificará compensadoramente. Mas, o problema está sendo visto sob um angulo estreito e sem a necessaria amplitude, que é da sua propria essencia.

arrabaldes do Rio ou percorrer o litoral do Brasil, soffresse embora a bôa marcha do seu mandato na negociação politica de que era o delegado e o piloto mór.

Pena é que Landseer, além das penhas das montanhas distantes, não se tivesse occupado com a silhueta da gente, da que gravitava por exemplo em torno aos eixos da côrte, anotando-lhe o realce da vida elegante, alta e rica, fantoches essenciaes nos circulos maximos da Politica e dos Negocios Publicos locais. A feição da generalidade dos artistas que por entre nós perambularam, coçando o papel com a ponta de um lapis, impressionou-se Landseer com as figuras da escravidão cuja negra miseria a pompa solar da terra ainda mais relevava o escuro e tragico contraste. O pouco de civilização ambiente á semelhança de um verniz estalava e renegava-se embebida na nodoa que vinha d'Africa... Seria por isso talvez o preto a curiosidade capital dos avidos observadores estrangeiros. Tristezas humanas, pedem consternação ou revolta que é um dever mesmo da arte deixar fria e implicitamente assignalados.

Nasceu Carlos Landseer em Londres, em 1799. Iniciara-o nas difficuldades da arte o afamado Haydon, o Delacroix britannico. Começou a cursar em 1816 a escola da "Royal Academy" para onde entrou como associado em 1837, e academico effectivo em 1845.

A familia Landseer originaria de um joalheiro de Lincoln predestinou-se ao culto da Arte. Este breve quadro genealogico o demonstra sem mais circumloquios.

(1) Archivo de Highcliffe.

João Landseer
gravador e archeologo
n. 1769 m 1852

Henrique Landseer
paisagista

Thomaz
gravador

n 1795 m 1880 esteve no Brasil
(1825-1826)
n 1799 m 1879

Carlos
pintor

Edwin Henrique
pintor animalista

n 1802 m 1873

Jessica
miniaturista

Jorge
pintor de Rajahs
n 1834 m 1878

Entre todos se distinguio Edwin Landseer, o pintor de animaes, que se tornou na Inglaterra o artista mais popular do seu tempo. No seu longo rol de primorosos bichos, reproduzidos sempre com tanta sympathia, comprehensibilidade e precisão technica, são de notar os dous simios cuja origem lhe approve assignalar na tela adquirida pela rainha Victoria: "A pair of Brazilian Monkeys".

A sombra agigantada de Edwin prejudicou certamente o vulto de Carlos Landseer, apagando-lhe mais do que seria justiça os meritos incontestaveis. Notáram-no os necrologistas do "The Graphic" e do "The Illustrate London News" em Agosto de 1879. O primeiro observava: "His artistic career, perharps, owed something of its success to the reputation of his distinguished brother, but he was a true artist in feeling, and his kindly nature and genial humour won him many friends". E a segunda revista assignalava que: "...Edwin Landseer... quite over shadowed the reputation of Charles Landseer", não obstante "was a good painter of English historical subjects; and, though he would not, like Sir Edwin, make dogs and deer more living in characteristic expression than the real animals, it is thought he could do horses marly as well as Sir Edwin."

Foi, de facto, Carlos Landseer um pintor de historia e de genero, minucioso e provector. O "Dictionary of Biography and Mithology" de Joseph Thomas refere-se á sua "fair reputation as an artist". Cita o "Biographical Dictionary" de Cassell, como suas obras mais conhecidas: "Clarisse Harlowe in the Sponging House", segundo uma novela de Richardson, "Palmela", "The monkeys of Melrose" e "The return of the Dove to the ark".

Guilherme Sandley na "The History of the Royal Academy" gaba-lhe as faculdades e recursos da palheta: "In the pictures he has painted he has paid great attraction to all the accessories and details, studying propriety in costume and character, and giving a general effect which is harmonius and pleasing". Acrescenta que Carlos Landseer preferia as scenas de historia ou tiradas ás obras de poesia ou

novella, tendo sido dos mais populares os quadros intitulados: "The meeting of Charles I and his adherents before the Battle of Edgehill", "The temptation of Andrew Marvel", "Clarissa Harlowe" e "The sacking of a Jewel's House". Estes dous ultimos e mais o "Blood hound and Peyers", o "The backing of Basing House" estiveram na "National Gallery", de onde foram transferidos respectivamente aos museus de Newport, Glasgow, Liverpool e Bradford.

Possuidor de uma larga fortuna e pranteado por todos os circulos artisticos de Londres, falleceu Landseer, após uma longa doença, a 22 de Julho de 1874, tendo legado dez mil libras á fundação de escolas da "Royal Academy". Em substituição a Jorge Jones, houvera sido indicado reitor do ensino d'esse alto instituto, cargo que exerceu de 1851 a 1873.

Do seu character e feitio dá-nos informação Jorge Dunlop Leslie em seu volume de memorias: "The inner life of the Royal Academy". Segundo elle "Charles Landseer was slightly deaf, very good natured, and an inveterate punster".

Assim foi o homem, assim a obra em que se não desmereceu, apalpando-se nos seus dotes. Nesses esboços provindos de sua mão de principiante florescem os preliminares de uma arte, que se tornou mais completa, reforçada e solenne, concorrida á fecundidade e riqueza do patrimonio artistico da Gran Bretanha. Mas, sobretudo e particularmente aos brasileiros interessam esse desenhos de occasião pelo discipulo de Haydon e jovem addido á embaixada mediataria de 1825.

A verdade é que Carlos Stuart, com as nobres e lateraes prooccupações de amator de preciosidades fez alguma cousa mais que deixar no tratado do Reconhecimento da Independencia do Brasil o compromisso da autonomia de uma nova nacionalidade americana, no concerto dos povos livres da terra. Galardoou-nós a sua bôa e graciosa fortuna de grão senhor e devoto das bellas cousas do mundo com este modesto punhado de raras e saborosas imagens. Pertence hoje o album de Highcliffe ao Dr. Guilherme Guinle. (Que justifique a indiscripção solemnizar-se mais uma benemerencia de tão abnegado e lucido mecenas.)

A collecção de traços que reproduzem a terra a cujo seio retornaram cem annos mais tarde, fatigaria a sombra da reclusão secular, no palacio de um Haroun-al-Raschid, que se houvesse tornado embaixador britannico, aposentado nas glebas de Hampshire. Nas mãos brasileiras o que é brasileiro achar-se-á melhor...

Londres, 1926.

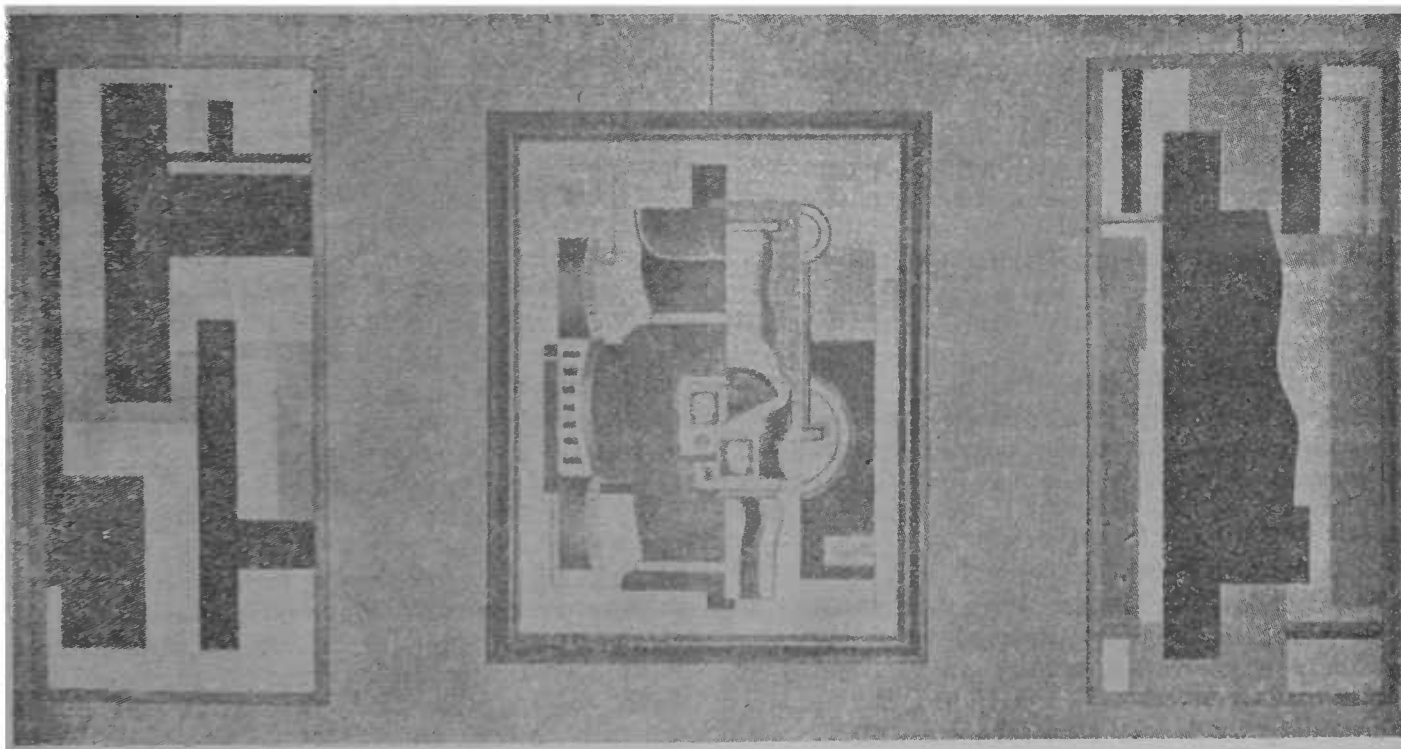


Pintura Moderna

A pintura, como a arte plastica em geral, é que soffre maiores ataques, na sua tentativa renovadora. Diante de um quadro moderno, cubista, futurista, ou superrealista, uma pergunta, mixto de ingenuidade e indignação, aparece em muitas boccas — **que significa isso?** Não significa nada, é pintura apenas. Tudo vem de um velho preconceito, que é o realismo na arte. A arte não tem de reproduzir a natureza. Pelo facto de o haver feito por muito tempo, não significa que só assim possa fazer. O seu fim é produzir uma emoção, e essa tanto pôde vir de uma paisagem, como de um jogo de volumes coloridos.

realização. A idade media deformou, mas o renascimento voltou á idéa primitiva, embora fazendo intervir o elemento psychologico, dando á arte uma existencia interior além da realidade, mas por ella suggerida.

A revolta moderna, que abstrae a natureza, fazendo da arte uma suggestão continua de elementos objectivos ou subjectivos, de linhas, de côres, de sons, de massas, difficulta o problema, tornando-o insolúvel para aquelles que não querem transpor a sua sensibilidade além do convencionalismo tradicional. Um quadro cubista é sempre um equilibrio estatico, de volumes e de côres. Um quadro superrealista é uma tentativa de dar a realidade pela suggestão imprecisa que as coisas despertaram no subconsciente do artista. Um quadro futurista, um desejo de synthese das coisas moveis e variaveis, fixadas subitamente na sua fuga continua. Se essa realização artistica, cujo fundamento é



Pinturas cubistas de Léger

Naturalmente, em tudo isso ha muita idéa falsa e muita desorientação, que os proprios artistas provocam, zombando dos que não penetram immediatamente o segredo da sua obra. Assim, a preocupação de intitular quadros. Diante de uma téla cubista, por exemplo, bastaria chamal-a **pintura** e não lhe dar nomes extranhos e extravagantes, que suggerem, ou podem suggerir confusamente, uma apparencia com a realidade, da qual os autores inteiramente fugiram. A **deformação** é outro embaraço. Convencionaram tornar a arte tanto quanto possivel reproducção da natureza, sendo tanto mais perfeita quanto mais fiel a copia. Os gregos, nesse particular, attingiram a mais alta

inutil discutir aqui, consegue nos dar uma emoção, pela côr, pelo conjunto, pela impressão psychologica, pela sensibilidade que acorda, teremos uma obra de arte, como qualquer Apollo grego, ou qualquer Madona italiana. Que significa? A arte não tem que significar coisa alguma. Não demonstra, não prova, não argumenta por essencia, embora o possa fazer em determinadas circunstancias. O artista é um homem livre, que joga a realidade, como se nos apresenta, viva e palpavel, ou como nos é suggerida, ou ainda por aquillo que desperta em nós, réal ou irreal. Diante de um quadro não temos que compreender. Ou o sentimos, ou então é inutil insistir e pedir explicações.

IGUASSÚ - SALTO GRANDE - APIPÉ

A grande Visão Argentina

A bacia do Prata comporta, em pleno seculo XX, as mesmas visões de grandeza que povoavam os sonhos dos descobridores.

A essencia que deu direcção ao arrojo humano de outras éras assume agora novos aspectos. Lá está, bem no fundo, a ambição do homem, o incontido desejo de crescer e prosperar, ampliado nessa tendencia para o poder, que assoberba as nações organisadas, os estados constituídos, integrados na ordem juridica internacional, característica da phase actual da humanidade. O El-Dorado de outras horas não se extinguiu na imaginação contemporanea; transformouse apenas em outras miragens, ou desfeitas no inverosímil, ou apagadas na reflexão cautelosa, ou então metamorphoseadas na realidade esmagadora dos maximos empreendimentos, prodigios de bravura technica.

E', precisamente desse genero a visão absorvente que domina a Argentina em sua intranquillidade de expansão, propulsionada pela intelligencia dinamica de seus filhos. Um sonho a preocupa no momento sentindo em suas divisas com o Paraguay, o Brasil e o Uruguay a energia formidavel e inaproveitada dos rapidos do Apipé, Salto Santa Maria do Iguassú e Salto Grande. Integralmente voltada para o trabalho, concebendo e em seguida executando paulatinamente os seus planos de engrandecimento nacional, pela valorização de todas as energias disponiveis, estuda a Argentina com carinho extremado a possibilidade de reduzir a potencial applicavel nas suas industrias e na irrigação do solo fertil os 865.000 K.W. que compõem esses grandiosos dons da generosa terra americana. Não se intimidando com a complexidade do problema, que a empreitada subentende, entremeiada de ardis que as subtilezas das conjecturas aqui e ali revelam ou simplesmente suggerem, a administração platina enfrenta a questão em todo o seu conjunto, alinhando as cifras e os diagrammas de uma technica superior.

No intuito de bem determinar as possibilidades das quedas dagua utilizaveis, determinou o Ministerio de Obras Publicas da Argentina que os engenheiros Humberto Gamberale e Francisco A. Menoz estudassem o aproveitamento hidroelectrico das quedas de Iguassú, Salto Grande, do Rio Uruguay, e dos rapidos do Apipé, no Alto Paraná, tendo esses profissionais procedido a um exame technico do problema, do que deram conta ao seu governo, no relatorio, agora publicado em dois volumes, o primeiro de texto e o segundo de cartas, levantamentos graphics, diagrammas e outros documentos correlactos.

Vamos resumir as conclusões dos engenheiros argentinos. Começam por dizer que das 3 fontes de energia consideradas, a mais importante, pela grandeza da potencia utilizavel, é a do Apipé, que, por si só, basta, não só para fazer frente ao consumo actual de Buenos Aires, como para attender ás necessidades desse centro dentro de 15 a 20 annos. Mas, são precisas

obras gigantescas, cuja praticabilidade está dependendo de demonstração, devido ás condições do terreno.

Depois, vem Iguassú, cujo aproveitamento permitiria dar a Buenos Aires uma potencia media de .. 125.000 Kw. com uma maxima, de 250.000 Kw. utilizando-se metade da caudal do rio, desde que se complete com uma usina termina auxiliar de 85.000 Kw. (sem contar as unidades de reserva). Esta fonte teria em seu favor a maior altura da queda dagua disponivel e a circunstancia de não exigir o seu aproveitamento senão a construcção de uma represa de escassa importancia e de custo minimo. As dificuldades do terreno não são importantes. O maior inconveniente estaria na distancia da linha de transmissão a Buenos Aires, de 1.200 klms. devendo atravessar regiões accidentadas, muito mais do que as que cortariam as linhas do Apipé e Salto Grande. Este poderia dar a Buenos Aires uma potencia um pouco menor do que Iguassú, pois o seu valor medio não ultrapassaria de 100.000 Kw. e o maximo, de 200.000 Kw. As obras hydraulicas com as duas ultimas quedas seriam muito menos importantes e dispendiosas, do que as necessarias á utilização dos rapidos de Apipé. Esses calculos são feitos na base da Argentina só poder utilizar metade da caudal.

Estudando depois o custo da energia, concluem os Engenheiros argentinos que as maiores vantagens estariam no aproveitamento de Salto Grande, depois Iguassú e por fim, como menos conveniente, o de Apipé. Mostram ainda que o governo argentino não deve paralyzar as suas gestões diplomaticas no sentido de obter dos paizes visinhos as facilidades necessarias para o aproveitamento dessas poderosas energias hydroelectricas. Salientam as conhecidas vantagens de favorecer a utilização dessas forças o augmento do poder industrial argentino, a melhoria dos seus transportes, e crescimento da população nas regiões dos saltos, etc. Mas não crêm que estimulem siquer as industrias em Buenos Aires e, quanto á economia do carvão, fazem ver que a entrada do carvão é um elemento para a saída de cereaes, pois os navios, que vêm buscar esses productos argentinos, chegam a Buenos Aires carregados de carvão e, uma vez, sem elle, careceriam de um lastro qualquer, o que, pelo menos, encareceria o frete dos cereaes. Basta recordar que, na ultima greve dos mineiros britannicos, diminuiu sensivelmente o movimento do porto de Buenos Aires.

Julgam mesmo afastada por agora a conveniencia economica de utilizar essas energias para a Capital Federal, ficando a considerar o caso dos aproveitamentos progressivos e parciaes empregados nas regiões proximas a essas fontes, o que encontra ainda embaraço para a navegação de navios de maior calado nessas regiões, condição essencial ao frete barato. Portanto, o aproveitamento do Apipé e Salto Grande resultará do complemento de obras hydraulicas para melhorar a ró-

ta fluvial. Quanto ao Alto Paraná, considerando-se que o problema da navegação deve ser visto primeiramente, parece razoavel que se proceda gradativamente e de um modo mais modesto, pondo-o em connexão com a provincia de Corrientes, de sorte a estimular as industrias dessa região e do territorio de Missões, trazendo a utilização parcial de varias fontes de energia disponiveis, que se desenvolveriam de modo a não impedir o seu aproveitamento total e simultaneo com a navegação interior e exterior, vinculando-as todas ao grande systema hydrographico mesopotamico. Iguaes considerações se applicam á conveniencia de um aproveitamento progressivo de Salto Grande, do rio Uruguay, e, sobretudo, das quedas de Iguassú.

Enquanto isso, o governo argentino, por todos os meios, promove o estudo da região. Em 1906, pela Lei n. 6.712, de 29 de Setembro, ficou o executivo autorizado a adquirir por compra ou permuta, uma zona de terras, no angulo formado pelos rios Iguassú e Paraná, destinando-a: a) a um parque nacional e obras de embelezamento nas immediações do grande salto e de acesso a suas cataractas; b) á fundação de uma colonia militar; c) ao estabelecimento de usinas e installações que sejam convenientes, no futuro, para o aproveitamento industrial das forças das quedas dagua. No anno passado, firmado no art. 6º desta lei, o governo baixou um decreto autorizando a aquisição por utilidade publica de 82.000 hectares no territorio de Missões, justamente na zona das cataratas de Iguassú, por 3.200.000 pesos m/n. ou sejam 11.500 contos de réis. Essa zona, finda a operação, ficará sujeita ao Ministerio da Guerra.

Como se sabe, um accordo com o Brasil, que permittisse a utilização das quedas de Iguassú, tem sido instantaneamente tentado, pela Argentina, pois, sem obras em territorio brasileiro, não lhe será possivel a utilização. O sr. Puyrredon, quando ministro do exterior, muito se interessou pelo caso e, ainda no anno passado, em Havana, por occasião da VI Conferencia Pan-Americana, tentou incluir uma convenção, determinando que os paizes ribeirinhos fossem obrigados a permittir um ao outro, obras em seus territorios para utilização de forças hydroelectricas, tentativa que tambem fracassou.

Como se vê, através dessas cogitações de vertiginosa materialidade a preliminar da boa visinhança se impõe. O esplendor da obra está condicionada ao reconhecimento de direitos alheios que a Argentina, não pôde esquecer um só momento. Deverá pois a diplomacia proseguir nos seus procedimentos, enquanto os engenheiros no seu estudo tecnico, de sorte a resolver, dentro das normas juridicas adequadas e da bôa politica, a formula de concretização do seu anhelos, sem ferir os pontos de vista de seus irmãos, menos entusiastas ou menos interessados, nesta occasião, em intervir no gigantesco plano, que, entretanto, se reunisse o assentimento e a collaboração da Argentina, Brasil, Paraguay e Uruguay, conciliando os interesses reciprocos, seria o maior symbolo de congraçamento economico do mundo, vasado em uma região geographica, animada pelo sentimentalismo fraterno de quatro povos emprendedores e pacificos.

A ESTATUA DE BOLIVAR

O sr. Sylvio Julio, apoiando, em substancioso artigo, o projecto de lei, apresentado á Camara pelo srs. Deoclecio Duarte, Basilio de Magalhães e Edmundo da Luz Pinto, mandando erigir a 17 de Dezembro de 1930, primeiro centenario da morte de Bolivar, um monumento ao Libertador, entre outras razões adduzidas incluye o facto de contar "o direito internacional brasileiro, entre suas fontes immediatas, o Congresso do Panamá, dirigido e imaginado pelo genio prodigioso de Bolivar." Não queremos discutir a justiça do monumento ao grande heroi, embora nada tenha que ver com o Brasil; embora tudo indique que não era grande a sua afeição ao nosso paiz e esteve a pique de se unir á Confederação Argentina, contra nós, acedendo ás solicitações da embaixada Alvear; embora seja extranho que um paiz, que ainda não erigiu monumentos a grandes figuras da sua historia, vá glorificar os herois alheios. Mas, nesses casos, a generosidade é sempre um dom da mais alta nobreza e longe de nós restricções a tal abundancia de entusiasmo.

O reparo que vamos fazer é tão somente á affirmativa de que o nosso direito internacional — se é que ha um direito internacional para cada paiz — tem fontes, e immediatas, no Congresso de Panamá. Como se sabe, esse Congresso, por inspiração e sob a gloriosa orientação de Bolivar, se reuniu no isthmo do Panamá, em 1826. O seu primeiro fracasso foi a ausencia dos maiores paizes do continente — os Estados Unidos, que nomearam dois delegados, mas um delles falleceu e o outro não tomou parte nas reuniões; o Brasil, que nomeou um delegado mas, não se sabe, ou não se explicou, porque, tambem não compareceu; a Confederação Argentina e o Chile. Depois, o Congresso nada fez de definitivo em materia de codificação de direito internacional, que pudesse servir de fonte, hoje em dia, a nós ou a qualquer outro paiz. O que houve foi uma idéa de codificação, synthetizada num artigo adicional ao Pacto, proposto pelo delegado peruano, D. José Maria Pando, determinando que, desde que fosse ratificado o tratado, procederiam:

"á fixação de um accordo commum sobre todos os pontos, regras e principios que deveriam seguir em caso de paz e em caso de guerra e que, para esse effeito, se convidaria de novo as Potencias neutras e amigas a tomarem, si julgassem conveniente, uma parte activa nessa negociação, e a concorrerem por intermedio de plenipotenciarios para preparar, concluir e assignar o tratado ou tratados que deviam ser elaborados para esse fim tão importante."

Ora, pelo que se vê, houve um anhelos de codificação, houve mesmo uma recommendação, mas nada disso pôde ser fonte de direito. Essas seriam aquelle tratado, ou tratados que deviam ser elaborados e não chegaram a ser, senão muito mais tarde, nas conferencias pan-americanas. E esse pacto foi apenas firmado pelo Mexico, America Central, Colombia e Perú. O Congresso do Panamá, se não foi apenas uma reunião de interesses bolivarianos, renunciou a vida internacional americana, que as conferencias pan-americanas procuram, embora muito fracamente ainda, traduzir em realidade.

COMO PENSAM OS ESTUDANTES BRASILEIROS

Um inquerito de MOVIMENTO BRASILEIRO

Conforme anunciamos, esta revista resolveu ouvir um certo numero de estudantes brasileiros, sobre a sua orientação espiritual, social, politica e artistica, afim de conhecer melhor a mentalidade da nossa mocidade estudiosa, o que importa num depoimento do mais alto alcance para os homens de cultura. Por certo, o pensamento dos moços vem sempre cheio de ardores e entusiasmos, que mal o sustêm, as paixões do momento o animam e é vario e incerto. Mas, através de todas essas vacillações, é possível descobrir o sentido das suas tendencias, os pendores mais definidos dos seus espiritos e como nelles se reflecte o jogo actual das idéas. Ter-se-á, com segurança, as suas aspirações e, o que é mais, a sua sensibilidade. E o valor desses dados será uma contribuição valiosa ao estudo do problema brasileiro, cujas fontes vivas e energicas nos esforçamos por procurar.

I — MAURO DE FREITAS

O Sr. Mauro de Freitas, a quem primeiro nos dirigimos, na vespera de deixar a vida academica, já se tendo formado em direito, tem as suas vistas voltadas para o problema politico do Brasil. E' um estudioso do seu direito constitucional e procura investigar pelas deficiencias da constituição, pela ausencia de realismo nas suas formulas, o mal brasileiro. Mas, conclue ousadamente, que só uma revolução seria salvadora, embora estabeleça que essa revolução não deve ser militar, mas ter um caracter acentuadamente intellectual. Considera o bolschevismo ou o fascismo phenomenos locais, russo e italiano, inadaptaveis á solução brasileira. Confessou-nos que ainda não havia situado bem, nessa equação, o factor economico, como determinante dessas profundas modificações na vida nacional, que lhe parecem essenciaes.

Quizemos saber da sua inquietação religiosa, mas nos disse ser francamente materialista, orientando nesse sentido os seus estudos philosophicos. Os seus mestres? Augusto Conte, embora não seja positivista, Nietzsche, o displicente Anatole France e Oscar Wilde. No Brasil, em primeiro lugar, Alberto Torres, depois Graça Aranha, Gilberto Amado, Ronald de Carvalho. E todos esses, sem esquecer Eça de Queiroz.

Disse-nos tambem todo o seu entusiasmo pelo movimento moderno, que lhe parece uma das grandes soluções para a renovação espiritual do Brasil, que deve presidir a obra transformadora nacional.

II — STELIO BASTOS BELCHIOR

O sr. Stelio Bastos Belchior é 4º annista de direito e preside o Centro Academico Candido de Oliveira. Respondendo ás nossas perguntas discorria com facilidade e brilho, ainda que muito indeciso, em face dos varios problemas, que lhe dominam o espirito. Quando lhe falamos sobre o seu ponto de vista religioso, disse-nos que, educado no catholicismo, perdeu a idéa, religiosa no estudo da sciencia, no exame experimental dos problemas diversos, mas tem a religião como um ponto de união do Brasil. Confessou a sua inquietação diante da philosophia, cujo mysterio ainda lhe sombreia muito o olhar ansioso.

Em materia social, disse que ha, modernamente, com a civilização da machina, um choque entre a cida-

de e o campo, do qual advem a crise social. A solução estará numa melhor distribuição das riquezas, pela ampliação do estado, pelo automatismo juridico no estado, sem os excessos maximalistas, ou socialistas.

Do Brasil, falou da instabilidade em que vive o paiz, apenas com alguns pontos de referencia seguros nas capitales. Em toda parte um desejo de fixação, que exige a penetração no interior. A voz do oeste, como no tempo das bandeiras, nos chama hoje em dia. A solução da crise nacional está no desenvolvimento das possibilidades economicas do paiz. Em materia politica, temos uma opposição, que se limita a criticar os erros do governo, e um governo que, apesar dos erros, é a força constructora. Todas as soluções revolucionarias e de idealismo partidario lhe parecem precarias e sem base na realidade. Acredita, optimistamente, que progredimos, sendo o nosso idéal encontrar o equilibrio economico, para o que julga de grande utilidade a estabilização da moeda.

Declarou-se sinceramente modernista e um entusiasta pelo movimento moderno, que procura integrar o pensamento e a arte brasileira no espirito nacional. O phenomeno moderno é americano, portanto nem um brasileiro póde ser sincero fóra do modernismo, porque tem de estar com o seu tempo e no seu meio.

Falamos por ultimo do nosso ensino juridico. Teve o joven academico palavras de censura, dizendo-o lamentavel, burocratico e passadista. Ha uma profunda esterilidade no estudo do direito, sem base pratica, sem conformidade com a realidade brasileira. Esse é o seu defeito fundamental e que affecta a sua complexidade.

III — ADELMO DE MENDONÇA

O sr. Adelmo de Mendonça, 5º annista de medicina, manifestou, desde a primeira pergunta que lhe formulamos, as suas convicções francas e declaradas pelo bolschevismo. Assim, não tem religião e as suas convicções philosophicas se filiam ao materialismo. Subordina, aliás, como marxista, ao factor economico todos os problemas humanos, consoante o materialismo historico de Karl Marx. A solução bolschevista lhe parece universal, portanto applicavel ao Brasil, tanto mais quanto nega o particularismo nacional. Estudando o caso brasileiro, disse que somos uma semi-colonia do capitalismo anglo-americano, portanto ha dois inimigos a combater, a burguezia nacional e a internacional, o que, juntamente com a circumstancia de não termos, como os paizes industrializados, uma economia propria, difficulta mais ainda a solução almejada.

Sobre o movimento moderno, falou com entusiasmo, mostrando-se integralmente dentro das suas tendencias e julgando-o mesmo realizado entre nós.

Pedimos os nomes das grandes figuras que têm exercido influencia sobre o seu espirito. Citou os nomes de Karl Marx, Claude Bernard e Darwin. No Brasil, referiu Graça Aranha, Euclides da Cunha e Castro Rabello.

Por fim, indagamos o seu parecer sobre o nosso ensino medico e respondeu-nos que, sob o ponto de vista experimental, é bom, mas, sob o ponto de vista de cultura geral, é ainda um ensino de classe, como todo o ensino universitario brasileiro, formando profissionaes para a classe dominante.

REPERTÓRIO



A DICTADURA NA YUGOSLAVIA

O golpe de estado do Rei Alexandre, da Yugoslavia, fechando o parlamento, suspendendo a constituição, nomeando um gabinete militar para servil-o e, desde logo, annunciando que esta dictadura deverá permanecer no poder por varios annos, vem incluir mais um paiz europeu na lista dos governos dictatoriaes. E' o sexto e os outros são a Italia, a Russia, a Espanha, Portugal e a Turquia. E' inquestionavel que o liberalismo, a menos na sua fórmula parlamentar, está fracassando e uma reacção violenta se manifesta contra essas camaras tumultuosas e inconstantes que, a força de brincar com o poder, acabam por perdê-lo totalmente. Tirante a Russia e a Turquia, onde o phenomeno é diverso, nos demais paizes a dictadura veio sempre da incapacidade dos parlamentos, que divididos em tantos partidos, não conseguiram estabilizar nenhum governo, resultando dahi situações anarchicas, que as dictaduras buscaram corrigir. Mussolini humilhou com as baionetas dos seus "camisas-pretas" a camara italiana; Primo de Rivera attribue todos os males politicos á esterilidade das camaras; Carmona fez presidencialista a republica portugueza; agora, Alexandre I despede os deputados barulhentos, que chegavam a se matar nas sessões, resolvido a governar por si o paiz. E o curioso é que as nações têm apoiado esses governos de força, contra os quaes todas as revoluções têm fracassado. Mesmo em Portugal, onde a revolução chegou a ser o acontecimento mais banal e frequente do paiz, depois da dictadura, ha dois annos portanto, só duas vezes houve fracas tentativas abortadas.

E' curioso que, enquanto na America, os paizes procuram solidificar, através de multiplas vicissitudes, o regime democratico, como se conseguiu na Argentina, no Uruguay, como nos esforçamos heroicamente no Brasil, num movimento que vae dominando a nação, para que tome posse de si mesma e acabe de vez com o dominio dos politicos profissionaes, enquanto, na America, a repulsa ás dictaduras é cada dia maior, na Europa ellas se apresentam como salvadoras e regeneradoras. Será que o mal é do parlamentarismo? Evidentemente, a não ser na Inglaterra, a sua pratica vae sendo perigosa e, ainda agora, na França, vemos o esforço nacional que tem sido necessario para que o Parlamento sustente Poincaré, evitando os golpes traiçoeiros das insidias partidarias.

A SUCESSÃO PRESIDENCIAL NO MEXICO

Dos cinco candidatos conhecidos á successão presidencial no Mexico, sobressae a figura do sr. José de Vascónellos, cujo prestigio no continente é inconfundivel. Pela obra realizada no seu paiz, como ministro do presidente Obregon, assim como pelos seus trabalhos intellectuaes, o sr. José de Vasconcellos é um dos grandes espiritos americanos e a sua eleição para presidente do Mexico seria um alto attestado de cultura desse paiz. No entanto, não costumam ser essas as razões preponderantes de taes decisões politicas e outros candidatos de maior prestigio se apresentam, sendo certo que a eleição recairá sobre o nome que indicar no mez vindouro, a Convenção do Partido Nacional Revolucionario, chefiado pelo sr. Calles, e que é a força dominante no paiz. Duas indicações serão feitas á Convenção — dos generaes Aaron Sáenz e Pascual Ortiz Rubio, ambos muito conhecidos no nosso paiz, onde chefiaram a missão diplomatica do Mexico, aquelle como ministro plenipo-

tenciario e este como Embaixador, cargo que deixou, no fim do anno passado, para dirigir a pasta do interior e ministerio do governo do presidente Portes Gil.

Além desses tres estadistas, disputarão a eleição presidencial os srs. Valenzuela e Villareal, em opposição, como José de Vasconcellos, ao candidato que surgir da Convenção do Partido Nacional Revolucionario. Mas, este dispõe de 80% do eleitorado. Não se póde dizer com segurança qual dos dois generaes — Sáenz e Rubio — disporá da confiança do partido, para ser seu candidato, mas os circulos melhor informados em politica mexicana acreditam na victoria do sr. Ortiz Rubio. Varias razões ponderam em seu favor, entre as quaes a sua amizade com Calles e não estar estreitamente ligado com nenhuma das correntes que se chocam dentro do partido revolucionario. Para isso muito concorreu o seu afastamento do paiz, durante os ultimos annos, o que lhe permittiu alheiar-se do jogo das facções, dispondo assim da sympathia de todos esses elementos.

RESSURREIÇÃO DA "SANTA MARIA" DE COLOMBO

Foi lançada ao mar, em estaleiros de Cadiz, uma caravella, que reproduz inteiramente, a Santa Maria, em que Christovam Colombo descobriu a America. Destina-se essa embarcação á Exposição de Sevilha e tem as mesmas dimensões da nau de Colombo, sendo tambem todos os pertences identicos á authentica Santa Maria. O armamento, os arietes, os arcabuzes, são da época, assim como as roupas dos officiaes e marujos. Na caravella será offerecido um jantar em honra do Rei da Espanha, conforme os usos do seculo XV, devendo Affonso XIII ser recebido á bordo com o cerimonial e etiqueta de então. A baixella e os utensílios estão sendo cuidadosamente fabricados, segundo os modelos usados no tempo.

AS FESTAS DELPHICAS DE 1929

O poeta grego Anghelos Sikelianos que, com o apoio do governo de Athenas, renovou em 1927, as festas delphicas, vai, novamente, em Maio vindouro, celebrar as ceremonias em Delphos. Serão representados **Prometheu encadeiado** e as **Supplicants**, drama este symbolico, no quadro em que traça o encontro de duas civilizações, a grega e a egypcia. Sykelianos vê, nesse episodio, o nascimento das relações entre os povos e essas reuniões elle as quer consagrar á concordia e harmonia do mundo.

Gabriel Boissy, que foi quem suggeriu a chamma perpetua no tumulto do soldado desconhecido, sob o Arco do Triumpho, convidou Sikelianos para reacender em Delphos, no altar de Apollo, o mesmo fogo sagrado. O poeta grego já seguiu para Paris, afim de trazer para a Grecia, uma chamma acesa na lampada do Arco do Triumpho, o que não sabemos como se fará, materialmente, mas tem o bello significado symbolico, da offerta do fogo pela alliança dos povos.

CONGRESSO DE ESTUDANTES BOLIVIANOS, DE COCHAMBA

"La Sierra", de Lima, órgão da juventude renovadora andina, por intermedio do seu director J. Guilherme Guevara, endereçou ao Congresso dos estudantes bolivianos, reunido em Cochamba, uma mensagem, em que defende ardorosamente a idéa da união das duas patrias, pela formação da Indolatinia. A separação dos dois paizes foi obra da colonização, continuada pela mestiçagem, avida da voluptuosa emoção do poder. "A implantação prematura do republicanismo e a sua má applicação foi funesta á America. Não houve unidade de pensamento e acção nos grandes caudillos só alimentaram um desejo insensato de libertação e uma sêde de dominio feudal. Dahi, enquanto os anglo-saxonicos se federavam, nós, iudolatinos, nos desagregamos." Estuda depois a Mensagem a necessidade de matar a causa da desunião, a primeira das quaes é o maligno espirito de chauvinismo, que conduz a guerra, mal que verbera com exaltada indignação e suggere por fim, a sua morte pelo ridiculo. A proposta que fazem é que, porventura, é um tanto ridicula. Num caso de guerra, as tropas, onde estariam em grande numero estudantes e filiaidos ás idéas anti-bellicas, dariam o golpe de estado e poriam na fronteira os que tivessem decretado a guerra, isso em todos os paizes envolvidos no conflicto, entregando-se a elles o duello pessoal, já que são os unicos que desejam a guerra. E nisso encontram a morte da guerra pelo ridiculo. São opiniões...

A Mensagem termina por uma invocação

aos bolivianos, no sentido de lutarem juntos pela solução do problema indigena, que lhe parece a solução viva e energica da autentica cultura americana. E termina: "Irmãos bolivianos, racebam a saudação de plena cordialidade fraterna que lhe envia "La Sierra" e façamos profissão de fé, de lutar pela harmonia continental, pela supranacionalização da imprensa e para que, a todos os homens dos Andes, corresponda, na America, a magna tarefa de renovar as decadentes instituições europeizadas, por novas organizações, animadas pela vigorosa seiva da estirpe indolatina."

CULTURA NACIONAL E INTERNACIONAL NA RUSSIA

Continúa em fóco na Russia a discussão levantada no 1º Congresso dos escritores da U. R. S. S., em maio do anno passado, relativa ao fim principal da literatura proletaria. Será este de transformar as culturas nacionaes em cultura socialista universal. Assim, como demonstrou o sr. Sutyryn, escritor comunista russo, o dever primordial do Soviet é combater energicamente as tendencias, que se manifestam entre os povos da U. R. S. S., em especial na Ukrania, de se voltar para a civilização occidental. Todos os povos da U. R. S. S. devem beber nas fontes da cultura russa contemporanea, porque só a Russia, actualmente o centro da revolução mundial, está em condições de criar uma civilização socialista. Assim, elle propoz uma associação pansovietica de literatos proletarios, de que seriam membros todos os escritores da União das Republicas Sovieticas.

A reacção contra essa idéa foi leadeada pelo sr. Kowalenko, em nome da Ukrania, dizendo que essa associação para a hegemonia da civilização moscovita, constituia um perigo para as letras ucranianas, subjugadas ao chauvinismo russo. O fim da conferencia, desde que se manifestaram essas idéas contrarias ao ponto de vista do Soviet, foi o seu encerramento. Mas perdura o debate. Ultimamente, appareceu o livro do sr. Waganian, comunista militante e partidario de Trotzky, **Da cultura nacional**, que defende a cultura russa, internacional, proletaria, dominando e subjugando as culturas nacionaes não russas. O Soviet entende, pelos seus órgãos officiaes, que o dever da Russia é impor a sua cultura aos povos que, no seu territorio, pretendem affirmar seus caracteristicos particulares e insiste assim em edificar uma civilização propria, proletaria e universal, oppondo-se ás culturas nacionaes dos povos não russos da U. R. S. S., afim de assegurar uma hegemonia politica russa.



O PRESIDENTE WILSON E O CORONEL HOUSE

Estão ahi dois nomes que nos transportam immediatamente a dez annos atraz. O presidente americano da guerra e o seu confidente, a pessoa que, nos momentos mais difficeis da crise mundial, representou sempre o seu pensamento. No entanto, no fim da vida de Wilson, houve um frio entre ambos e esse mysterio nunca foi explicado. A recente publicação do 3º e 4º volumes dos papeis intimos de House, organizados pelo professor Charles Seymour (**The Intimate Papers of Colonel House. The Ending of the War. Arranged as a narrative by Charles Seymour. 2 vols. Boston and New York: Houghton Mifflin Company.**), que o Sr. William MacDonald, da Universidade de Yale, commenta em artigo recente, refere-se a esse mysterio, de modo que não chega para uma justa conclusão. Foi na Conferencia da paz, escreve o prof. Seymour, que, pela primeira vez, se notou uma quebra na inteira confiança que sempre reinou entre aquelles homens. Mas, nas cartas entre os dois nada indica essa ruptura, sendo feitas sempre no mesmo tom de cordialidade. Numa carta, que se encontra no ultimo documento desses volumes, House confessa que não conseguiu a chave para abrir essa porta. "A minha separação de Woodrow Wilson, escreve House ao prof. Seymour, foi e ainda é para mim um mysterio tragico, mysterio que agora não pôde ser mais dissipado, porque elle o levou para o tumulto. Nunca, durante os annos que trabalhamos juntos, nunca houve uma palavra impaciente ou grosseira, escrita ou falada. Até que uma nuvem passasse entre nós, nunca tive um amigo mais considerado, e a minha devoção pela sua memoria continúa e permanecerá immutavel."

OS "REPUBLICANOS" NOS ESTADOS-UNIDOS

Como se sabe, a eleição do presidente Herbert Hoover foi a victoria partidaria mais significativa na vida yankee. Obteve elle, dos 531 votos do collegio eleitoral, 444, de 40 estados, enquanto o governador Smith obteve apenas 87, de 8 estados. Em 1920, os resultados deram a Harding (republicano) 404 votos e a Cox (democrata) 127; em 1924, Coolidge obteve 383 e o seu competidor democrata, Davis, 136, tendo La Follette

(progressista) 13 votos. A maioria de Hoover excede mesmo a de Wilson, em 1912, que era o record, obtendo 432 votos, contra 88 dados a Roosevelt e 8 a Taft.

Na constituição do Congresso, a situação é inteiramente republicana. Os algarismos são os seguintes:

Senado: Republicanos 55; Democratas 39; Farmer-Labor, 1 (1 vaga).

Camara: Republicanos 269; Democratas 165; Farmer-Labor, 1.

Na actual legislatura os republicanos ganharam 8 cadeiras no Senado e 38 na Camara. O unico socialista do Congresso (representante) era Victor Berger, de Milwaukee, Wis., e foi derrotado pelo candidato republicano da circunscrição.

Nada mais significativo para mostrar que o povo americano é muito mais inclinado aos republicanos do que aos demócratas, do que o facto de, no periodo de 1864-1928, terem aquelles vencido 10 vezes e estes apenas 5. Aliás, na ultima eleição, a propria frente democratica se rompeu e muitos dos seus votos foram engrossar a maioria extraordinaria de Hoover.

ESTATUAS EM FRANÇA

Um grande comité de poetas, escritores, bibliophilos, amadores de theatro e artistas, se constituiu para erigir em Marselha, terra natal de Edmond Rostand, um monumento ao autor de *Cyrano*. A obra, já em execução, foi confiada ao escultor Paul Gondard.

Em Strasburgo vae ser levantado um monumento a Victor Hugo e Lamartine, em testemunho de que a Alsacia continua a ser "un ardent foyer d'amour pour la France"

Na Bretanha, em Ploubazlanec (Côtes du Nord) vae ser erigido um monumento a Pierre Loti, preito de admiração e reconhecimento ao autor de *Pêcheur d'Islande* e *Mon Frère Yves*, obras que popularizaram aquella communa bretã.

A MULHER E' TRISTE?

Foi o assumpto de um inquerito feito recentemente na França. Madame Lucie Delarue-Madrus acredita que ella começa triste, depois se adapta á vida, que a póde entristecer, mas não deixal-a num estado de constante e perpetua tristeza. O romancista André Maurois acredita que as mulheres são tristes porque são humanas, o que, evidentemente, não responde muito. O professor Pierre Vachet, da Escola de Psychologia, disse que "a maior parte das mulheres têm uma vida mais subjectiva ainda do que a dos homens, arrancados de si mesmos pela acção. Elles dão ás suas alegrias, a seus pequenos ciumes, a suas vaidades uma importancia que o homem não lhes

póde dar. Têm tempo de se ver, sentir, amar, soffrer. E é certo: desde que trabalham e que uma obrigação diaria as submete a uma disciplina, as suas sensibilidades se tornam menos vivas, mais equilibradas, numa palavra, mais viris."

Que conclusão tirar? E' difficil, mas não será talvez afastar-se muito dessas respostas dizendo que a tristeza, na mulher, é muitas vezes uma attitude feminina, que exagera a realidade. Um romantismo, em summa.

OBRAS LITERARIAS BRASILEIRAS VERTIDAS PARA O FRANCEZ

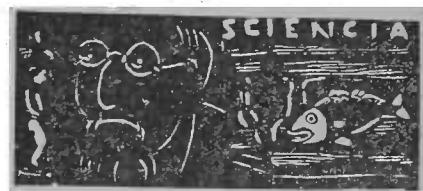
A commissão de cooperação intellectual brasileira resolveu indicar ao "Instituto Internacional de Cooperação Intellectual" as obras seguintes de escritores brasileiros para serem vertidas em francez. Cada volume, que deverá ser de cerca de 300 paginas, em oitavo, será organizado e prefaciado por um escritor, convidado pela commissão. Os prefacios não deverão ser maiores de 25 paginas. As escolhas foram as seguintes: José de Alencar, **O Guarany**, prefaciado pelo sr. Gustavo Barroso; Machado de Assis, **Contos**, prefaciados pelo snr. Alfredo Pujol; Ruy Barbosa, **Excerptos**, tirados das **Cartas de Inglaterra**, organizado e prefaciado pelo sr. Octavio Mangabeira; Joaquim Nabuco, **Ensaíos**, organizado e prefaciado pelo sr. Graça Aranha; Euclides da Cunha, **Paginas Escolhidas**, organizadas e com prefacio do sr. Roquette Pinto; Aluysio de Azevedo, **O Mulato**, prefaciado pelo sr. Coelho Netto; e Felício dos Santos, **Memórias do Districto Diamantino**, com prefacio do sr. Affonso Celso. As traducções serão feitas em Paris, sob as vistas do delegado brasileiro ao Instituto de Cooperação, sr. Elizeu Montarroyos. Os trabalhos devem ser presentes á Commissão até o dia 31 de Março, quando serão remetidos para o Instituto.

SOCIEDADE DO FOLKLORE FRANCEZ

Sob os auspícios de sir James George Franzer vae fundar-se em Paris a **Sociedade do Folklore francez**, que começa por dirigir um appello aos sabios, á sociedade parisiense, ás municipalidades e communas, afim de facilitar-lhe as investigações e estudos. Serão enviados questionarios ás associações scientificas, universidades, escritores, archeologos, de sorte a facilitar a repartição dos trabalhos, com o maior rendimento possivel.

A primeira reunião da nova sociedade foi presidida pelo professor Rivet, em casa de sir Franzer, seu padrinho, e de lady Franzer, sua madrinha. A primeira direcção ficou assim constituída:— Sir Franzer, presidente de honra; sr. Charlety, presidente; dr. Rivet, Levy Bruhl, Marx, Nourry, Van Gennepe e Mme. Sauvregis, vice-presidentes; Mme. de Pongé e sr. De Varagnac, secretarios honorarios; sr. Pierre Sayn, secretario. O comité de patrocínio se compõe dos srs. Alexandre Mauss, Alphantery, Couchoud, Ceccaldi, duque de Broglie, Marquez de Luppé, Mme. Noemi Renan, Prou, Riff, Jeanton, Herber, Elie Havelly, Duchartre.

A séde provisoria será no Trocadero. A Sociedade estuda a publicação de um boletim mensal e pretende apresentar-se ao publico com uma grande manifestação musical, devendo para isso serem recolhidos pelo phonographo varios cantos populares das provincias.



TOXINAS E CARVÃO

O prof. Calmette, numa sessão recente da Academia de Sciencias, de Paris, apresentou uma nota, na qual o sr. Boquet expõe que o veneno de cobra e as toxinas são absorvidas e privadas de poder toxico, quando em contacto com o carvão pulverizado muito fino, o que se póde fazer mesmo in vivo. Quando se injecta, em animaes, no peritonio, carvão em pó finissimo, depois a toxina diphterica, esta perde toda acção. Este phenomeno póde ser muito aproveitado, para o estudo das reacções, ainda pouco conhecidas, entre os antigenas e os anticorpos.

A THEORIA DA RELATIVIDADE

Einstein apresentou á Academia Prusiana de Berlim uma nova e mais perfeita exposição da theoria da relatividade, afim de unificar, como declarou, dando-lhes um ponto de vista commum a lei da gravidade e o electro-magnetismo. Nesse trabalho, ao que se affirma, o grande mestre, para contestar os que pretendem dar uma intenção especulativa á sua theoria, se basêa exclusivamente na mathematica, cujo profundo conheci-

CABELLEIREIRO VICENTE — Ondulação — Côte de cabelo GEORGETTE — manicura.

Serviço a domicilio a seis mil réis.

Tel. Ipanema 1243

mento se exige para compreendê-la, sem qualquer referencia, por vaga que seja, á philosophia.

Sobre o assumpto, em entrevista a um dos nossos jornais, disse o professor Carlos Sampaio:

— "Noticiou-se que Einstein tinha conseguido em cinco paginas dactylographadas, harmonizar a sua theoria com as velhas leis da mecanica classica, o que seria realmente de grande importancia scientifica, sabido que até agora a maioria dos grandes sabios não aceitava as proposições do mathematico allemão, por estarem em absoluto antagonismo com aquelles principios. Se elle fez o que se noticiou, está acabada a celeuma."

MANOEL DE ABREU, REFORMADOR DA RADIOLOGIA

O mundo medico francez tem recebido com grandes demonstrações o cientista brasileiro Dr. Manoel de Abreu, um dos mestres da radiologia moderna. O grande cirurgião Pierre Duval o levou ao seu serviço clinico, pedindo-lhe que fizesse algumas conferencias sobre incidencias obliquas no diagnostico differencial dos calculos renaes, vesiculares e diverticulos duodenaes. O Dr. Jean Charles Roux, um dos maiores nomes da medicina franceza, promoveu tambem algumas prelecções do Dr. Manoel de Abreu, sobre as suas descobertas relativas á radiogeometria do Mediastino e volumetria Pulmonar. A divulgação dos trabalhos do cientista brasileiro, que apparecerão brevemente em dois volumes que a casa Masson vae editar, justificarão no conceito unanime do mundo cientista o renome que já lhe deu a medicina franceza, de um dos reformadores da radiologia.

O THEREMINVOX

Ha alguns mezes foi apresentado em Paris, na Opera, a um publico selecto de

homens de sciencia e de arte, a invenção de um professor do Instituto Physico-technico de Leninegrado, o snr. Leon Theremin. joven cientista de origem franceza, já autor de outros trabalhos de importancia em Radiotechnica. No entanto a nova invenção que tanto interessa o mundo scientifico quanto o artistico, não é senão uma intelligente applicação de conhecimentos generalizados sobre as correntes de alta frequencia empregadas nos emissores e receptores de radio-telephonia. Com esse aparelho dispõe a musica moderna do mais completo instrumento até hoje concebido.

Vejamos a que se propõe o inventor com o seu Thereminvox. Considerando um instrumento musical, julgal-o-emos tanto mais completo quanto maiores forem os seus recursos sonoros, isto é, quanto maior fôr a variedade do som produzido em altura, intensidade e timbre. Se, além disso, o instrumento estiver mais directamente sujeito ao controle do artista poupar-lhe-á no melhor modo o esforço mechanic e mais se avisinhará elle da perfeição. Empregando o novo instrumento produzirá o artista em qualquer timbre os sons musicas os mais variados em altura e intensidade por simples movimentos livres das mãos no espaço. Teremos portanto um maestro fazendo "funcionar" uma orchestra sem figuras, embora sem a arbitrariedade toda pessoal que caracteriza os seus collegas.

E não se limitam a esta maravilha as possibilidades do novo instrumento porque pelos mesmos principios com que são obtidas as variações do som musical, se podem obter as variações de um colorido luminoso correspondente. E é facil antever a importancia artistica desta particularidade.

O Thereminvox consiste fundamentalmente em dois heterodynos cujas cor-

rentes de alta frequencia interferidas produzem a corrente de baixa frequencia capaz de desferir, por intermedio de um alto falante, o som musical quando devidamente detectada e amplificada. Um dos heterodynos é de frequencia constante controlada a crystal. O outro é de frequencia variavel governada por um condensador completamente original: em parte fixo, a dielectrico de ar, em parte variavel, sendo uma de suas armaduras uma haste metallica externa ao aparelho e a outra, a mão direita do artista. Variando pela posição desta a capacidade do condensador o operador faz variar a frequencia do respectivo heterodyno e, portanto, a frequencia resultante que acciona a membrana do alto falante variará á sua vontade, produzindo o som musical em qualquer altura. Em virtude de não poderem os heterodynos oscillar em frequencias muito visinhas para produção dos sons graves, porque facilmente entram em syntonía, e daí o silencio do instrumento, não trabalham elles em suas ondas fundamentaes e sim em harmonicas de ordens diversas.

A variação da intensidade do som é obtida pela desyntonização do heterodyno a frequencia constante o que o artista consegue pela posição relativa de sua mão esquerda a uma espira metallica que faz parte do circuito oscillante deste heterodyno e que tambem é externa ao aparelho. Em fim pela variação de certos elementos dos systemas oscillantes, se escolhe o timbre do som em que vae trabalhar o Thereminvox. Para isso o simples manejo de um computador é o bastante. Como a melhor comprovação do que expoz, o professor Theremin executou, ao terminar sua conferencia, diversas peças musicas não só a um instrumento como a dois, fazendo-se acompanhar de seu discipulo.

MOBILIAS "MAPPIN"

para Bungallows e apartamentos

APRESENTAÇÃO DE MODELOS NOVOS

em aposentos especialmente decorados

MAPPIN STORES

RUA SENADOR VERGUEIRO N. 147



STRAVINSKY, O DESORIEN- TADOR

Ida Rubinistein, na serie de bailados criados agora em Paris, levou o **Beijo da Fada**, de Stravinsky. As criticas dos jornaes parisienses dizem tratar-se de uma musica classica, equilibrada, consonante, uma musica feita. Nada que lembre o formidavel e audaz criador de **Petrouchka**, o homem louco dos rythmos, das côres, das dissonancias. Nada disso. Tudo certo, tudo direito, tudo conforme. Pelo artigo dos srs. Pierre Lalo e André Levinson, a nova obra de Stravinsky foi uma decepção. "Seu classicismo se restringe de mais a mais. Abandona pouco a pouco todos os traços, tão vivos e fortes, que formavam a sua figura musical: por fim chega a escrever este **Beijo de Fada**, que não se sabe a quem attribuir, mas que se attribuiria a todo mundo, menos ao Sr. Stravinsky."

Ha mais ainda. Stravinsky esquece Tchaikowsky. Dedicar-lhe o bailado nestes termos: "Dedico este bailado á memoria de Pedro Tchaikowsky, pertencendo sua musa a esta Fada, e nisso este bailado se torna uma allegoria. Esta musa o marcou igualmente com seu beijo fatal, cuja mysteriosa influencia se fez resentir em toda a obra do grande artista."

Diante disso, duas hypotheses. Ou Stravinsky abandona a expressão singular, para volver a um classicismo inexpressivo, caso em que deixará de interessar a nova feição da sua obra; ou então estamos diante de uma pilheria do grande mestre para desconcertar o mundo. Uma ou outra, não lhe honram o genio.

WECO

Recebemos o 2º numero desta revista, da casa Carlos Wehrs & Cº., de vida e cultura musical, intelligentemente dirigida pelo nosso collaborador, maestro Luciano Gallet. Com varios artigos interessantes e grande noticiario sobre a vida musical, "Weco" já tem um lugar de relevo entre as nossas revistas musicas, inexplicavelmente pouco numerosas, considerando-se o grande publico de que dispõem. A capa deste numero é um retrato de Villa Lobos.

LUCIEN CAPET

Grande violinista e tambem musicologo, fallecido recentemente em Paris. Foi o oraganizador e director do **Quartetto-Capet**, de reputação universal. A interpretação dos **Quatuors** de Beethoven

grangeou-lhe e aos seus companheiros uma celebridade invulgar, mesmo na Alemanha. Tambem compositor, deixa varios **Quatuors**. São de grande interesse os seus trabalhos sobre o pensamento musical de Beethoven, de que foi apreciado exegeta. Toda a imprensa musical franceza regista a morte de Capet, salientando os seus talentos e lamentando uma grande perda para a musica franceza.

O NOSSO REPRESENTANTE EM PARIS

Será nosso representante em Paris, o distincto escriptor e jornalista sr. Elizeu Montarroyos, delegado do Brasil junto ao Instituto de Cooperação Intellectual da Liga das Nações. O sr. Elizeu Montarroyos, com o prestigio do seu nome em Paris, onde tem um lugar de particular destaque, nos circulos sociaes, literarios e diplomaticos, collaborará assim com os desta casa, na divulgação das nossas letras e propaganda da cultura brasileira no exterior. O seu esforço nesse sentido tem sido digno de nota. A nossa participação effectiva junto ao Instituto de Cooperação Intellectual muito lhe deve e a sua constancia e devotamento têm contribuido sobremaneira para a efficacia e brilho de tal exito.

O sr. Elizeu Fonseca de Montarroyos é antigo official do exercito, engenheiro militar, tendo deixado as fileiras, por occasião da guerra, afim de adquirir liberdade de acção para se empenhar pela participação brasileira ao lado dos aliados, tendo sido, ao lado de José Verissimo, Graça Aranha, Vianna, Reis Carvalho, Nestor Victor e outros, um dos fundadores e principais sustentaculos da "Liga pelos Aliados". No estrangeiro, o sr. Montarroyos tem representado o Brasil em varios congressos e conferencias como na de communicações e transito de Barcellona (1921) e de Genebra de 1923. Foi assessor tecnico da Delegação permanente do Brasil junto á Liga das Nações e hoje é, como dissemos, o representante do nosso governo junto ao Instituto Internacional de Cooperação Intellectual. Entre varias commissões que tem desempenhado, é licito salientar ter sido membro do comité de peritos, nomeado pelo Conselho da Liga das Nações, em 1925, para a delimitação do porto de Dantzig.

MOVIMENTO BRASILEIRO se honra de o ter como seu representante em Paris.

MAGDALENA TAGLIAFERRO

Quando esteve, aqui no Rio, numa das suas ultimas visitas, Magdalena Tagliaferro, que, desde 1908, estreado como menina prodigio, é uma das glorias da nossa musica, ao lado de Guiomar Novaes, Rudge Muller, Souza Lima e Alfred Oswald, encontrou em plena floração o movimento moderno. Tambem moderna, pelo temperamento e sensibili-

dade, num encontro com alguns escriptores e artistas da nova corrente, convenceu-se que deveria dar, no Municipal, um concerto de modernos francezes e espanhóes. Pois bem, Magdalena, cujo nome sempre attraiu grande publico, teve naquella noite uma vasante lastimavel. Politicos sizados a censuraram de tocar aquellas "maluquices", que lhe compromettiam o renome, e os Guanabarinós disseram coisas... No entanto, foi um concerto extraordinario, em que, pela primeira vez, se tocou Honnegger, que é hoje a maior celebridade musical.

No entanto, vemos agora que, em Paris, Magdalena Tagliaferro, que já tem Legião de Honra, dá concertos de musica moderna franceza, com uma perfeição que lhe enche de gloria o nome de grande artista.

"SALAMBÔ", DE FLORENT SCHMITT

Foi levada em Paris, nos Concertos Colonne, em primeira audição **Salambô**, de Florent Schmitt, "suite" de orchestra tirada da partitura escrita para acompanhar o film **Salambô**. Divide-se em 4 partes. Mais uma vez se salientaram as grandes qualidades de Schmitt, a sua modernidade, a sua força expressiva, exagerada mas brilhante, a sua sabedoria de orchestrador e o modo verdadeiramente excepcional com que trata dos timbres. Obra de grande envergadura e effeito surprehendente.



O THEATRO E O ROMANCE MODERNOS

O romancista e dramaturgo austriaco Stefan Zweig, falando do theatro e do romance em nossos dias, disse numa entrevista recente, que o theatro europeu se renova totalmente. Parece que foi o cinema que apressou a reforma e o publico se mostra de mais a mais impaciente e sensível, como nunca, á idéa do tempo. Quer as peças em quadros. São em Moscou os espectadores são capazes de supportar peças infindaveis e sem acção. Nós não podemos ouvir Wagner na integra e elle affirma que os proprios francezes murmuram secretamente contra o rythmo solemne e lento de Corneille e Racine.

Quantas peças podem ser chamadas obras-primas? Quinze? Vinte? Quando muito. De Ibsen, Sudermann, Augier, Dumas, que dominaram o theatro em seu tempo, que resta? Nada. O drama,

mais do que o romance, marca o tempo e nas coisas mais ephemeras. Confessem que hoje os problemas que colloca o theatro de Ibsen são muito ridiculos! Ademais, as invenções mecanicas têm sobre o theatro um valor extraordinario. Disse que, Vienna, assistiu um **Fausto**, e mique a voz dos anjos e de Deus era transmittida por um alto-falante.

O romance lhe parece menos movel, orientando-se hoje para a psycologia. Depois de Werther, eis Julien Sorel, Jean-Christophe, les Thibault. Onde vae o romance? Seria temerario dizer. Qual será o espirito de amanhã? A literatura se tornou internacional. As mesmas peças, os mesmos romances triunfam na França, na Allemanha, na Russia, na America. Proust é lido no mundo inteiro. A literatura tem mais do que nunca um valor universal.



OS MANUSCRIPTOS DE AUGUSTO CONTE

O Snr. Paulo Estevão de Berredo Carneiro obteve autorização dos depositarios dos manuscritos de Augusto Conte, para encadernal-os devidamente, o que vae ser feito ás expensas de um grupo de positivistas brasileiros. Nesses manuscritos estão os originaes das mais importantes obra de Conte, **Politica positiva**, **Philosophia positiva**, **Catecismo**, etc.

MANUSCRIPTOS DE VINTE E UM DIALECTOS INDIGENAS AMERICANOS

A Bibliotheca Réal de Madrid prepara, por determinação do governo espanhol, a publicação de manuscritos de 21 dialectos de linguas indigenas americanas. Trata-se, como se vê, de um verdadeiro monumento de linguistica, que dará elementos sobre cerca de 30 linguas, algumas das quaes ainda vivas, como o guarani, e outras inteiramente desapparecidas. Sobre cada lingua, haverá 3 partes: 1ª, um lexico, com o termo espanhol e o correspondente indigena; 2ª, as noções essenciaes de grammatica, morphologia, syntaxe e prosodia; 3ª, "concessionarios", isto é, palavras e frases necessarias ás confissões, com o texto indigena e o castelhano. São usados os caracteres latinos, mas, para certos phonemas sem correspondencia exacta na phonetica espanhola, foi necessario fundir tipos especiaes, para caracterizal-os.

Os manuscritos foram reunidos em 1787, por José Celestino Mutis. As lin-

guas estudadas são as seguintes: achagua, amuguaje, anathomo, andaqui, jaruaca, caraibe, céona, coimos, chaques, chibcha, chocho, guama, guarani, guarauno, guotesco, huaque, zohuo, mexicano (sic), mixtéque, mosco ou mosca, motilona, murciélagos (sic), otomi, otomaca, paez pariagolo, sabrile, taparita, taraoque, pepagua, totomaque e yarura.

Não figura o tupi, que, no entanto, ainda é falado hoje na Amazonia, para não falar na sua importancia historica, ainda ha pouco acentuada por João Ribeiro, citando os trabalhos de Anchieta e do padre Figueira, nos dois primeiros seculos da conquista. Talvez figure juntamente com o guarani — o tupi-guarani — como foi chamado o dialecto do norte (tupi) e o do sul (guarani), por pouco se differençarem.

Por igual, entre outros idiomas não referidos, encontramos o aimara, o tazao-teca, o tonalteca e o maya.

A MULHER MODERNA

Existe realmente um typo de mulher moderna? O typo da mulher de outrora que se desenvolveu através de seculos de constrangimento e estricta vigilancia, poderia, no seu meio, ser considerado como tendo chegado á perfeição em bondade e ternura desinteressada e mesmo em apparencia graciosa e attitude. A mulher da era nova, criada numa atmospheria de liberdade muito maior, rainha que só responde pelos seus actos a si propria, ousarei dizer que é um sêr em formação e precisamos dar-lhe o tempo de se desenvolver em paz, sem ser nem depreciada nem exaltada prematuramente. Nós, as velhas, só lhe desejamos que se torne o ente glorioso, e esperamos que isso seja no dia em que, para ella, tivermos obtido a liberdade.

Selma Langerloef

INSPIRAÇÃO OU PLAGIO? PIRANDELLO PARA ESCREVER "SEIS PERSONAGENS" SE INSPIROU NUMA NOVELLA DE ANSLEY?

Os titulos, que encabeçam estas notas, são indagações que formula, em **Commoedia**, Paul Achar, ao estudar a possibilidade de ter Pirandello tirado os **Seis Personagens**, de uma novella de F. Ansley, apparecida ha 20 annos, **Porque renunciei a escrever romances**, e que foi publicada agora em francez, na "Anthologia dos humoristas inglezes e americanos", sob a direcção de Michel Epy, traduzida pelo sr. Louis Labat.

"Na novella de F. Anstey, escreve P. Achar, encontramos um autor que, um bello dia, vê chegar á sua casa os personagens de um dos seus livros; installam-se ali decididamente. Querem viver

na realidade as suas vidas; proclamam o direito de tudo, que é criado pela imaginação de um escritor, se evadir das linhas, para desenvolver-se e ir até o fim do pensamento do seu criador."

Como se vê, está ahí, 20 annos antes, uma novella que passou despercebida, toda a originalidade chocante do drama extraordinario de Pirandello. **Plagio?** **Inspiração?** ou Pirandello não conhecia o conto de Ausley, havendo apenas uma coincidencia? De qualquer fórma, os **Seis Personagens** foram a grande revelação. Tambem o **Cid** não é de Corneille, nem o **Fausto** de Goethe. Modernamente, as idéas estão se industrializando, como patentes de invenção, quando o que importa é o modo por que o artista as impõe. Neste caso, o conto inglez, como uma grande invenção, permaneceu obscuro. Pirandello, utilizando-a, mesmo conhecendo-a, fez uma grande obra. E' licito acusal-o?

Estava escrita esta nota, quando lemos a carta de Benjamim Crémieux a **Commoedia** mostrando que, primeiramente, essa similhança é aparente e que a idéa da peça de Pirandello está um seu conto, pelo menos da idade do de Ausley, intitulado: **Donde, o halito de dar audiencia, todos os domingos, pela manhã, aos meus personagens**.

UM PROCESSO LITERARIO

A justiça ingleza moveu um processo contra a escritora Radclyffe Hall, considerando immoral e obsceno o seu livro **The Well of Loveliness**. Esta escritora acaba de chocar o puritanismo britannico defendendo a inversão. "Para ella, escreve o sr. L. Borgex, a inversão deve ser reconhecida de utilidade publica. Os que são attingidos por ella devem ser aceitos com respeito nos meios mais austeros, sem reconhecimento mesmo, e as ligações do mesmo sexo podem frequentar as outras, feitas segundo as velhas e passadas leis da natureza." A justiça britannica não quiz concordar com essas doutrinas, que julgou corruptoras e mandou queimar o livro de Radclyffe Hall.

MERCURE DE FRANCE

Para substituir o nosso collaborador Tristão da Cunha, que, por motivos ponderaveis, foi obrigado a deixar a secção das letras brasileiras, nessa revista, onde, por muito tempo foi um commentador brilhante e seguro da nossa vida litteraria, foi nomeado o sr. Severiano de Rezende. Esperamos que o novo correspondente do **Mercure de France** não se deixe comprometter com o passadismo, mas informe com segurança o grande publico internacional que lê o **Mercure**, do movimento renovador do Brasil, das suas energias espirituas modernas, que edi-

ficam e constróem, sorrindo ao marasmio academico. Procure, antes de tudo, o sr. Severiano de Rezende, que está no estrangeiro, ouvir as vozes reaes do Brasil moderno, indague da poesia, da ficção, da critica dos moços para poder fazer obra sincera e honesta, que todos esperamos do seu espirito e da sua intelligencia.



“A LINGUAGEM USUAL E A COMPOSIÇÃO”. DE JULIO NOGUEIRA

Não se pôde discutir que, ultimamente, os grammaticos se estão convencendo de que não é possível enfeixar a lingua dentro de meia duzia de regras inflexiveis, fóra do que tudo seria excomungado. Talvez porque vissem que pouco se nos dava essa excomunhão. Foi o espirito clarividente de João Ribeiro um dos primeiros a reagir contra esses absurdos e proclamar a liberdade da lingua, que não vem dos classicos para o povo, mas vaé da bocca popular para as pennas eruditas. E, entre nós, o caso apresentava feição mais grave. Enquanto o povo novo, que se caldeia incessantemente com multiplos sangues de raças diversas, ia formando uma lingua viva e ardente, obedecendo ás condições do meio e a todas essas imponderaveis determinantes anthroposociaes, os grammaticos, fossinhando os classicos portuguezes obsoletos e enfadonhos, que falaram a lingua em outras condições, num outro meio, queriam impor regras e mais regras lusas, justificando tudo com exemplos do cacetissimo Frei Luiz de Souza, de João de Barros e outros fosseis. O resultado é que se escrevia uma lingua artificial, enquanto se falava outra. A reacção formidavel de José de Alencar não conseguiu liquidar o caso e só agora, podemos affirmar, começa a libertação. E libertando-no sda apostilha, livramo-nos tambem do jugo portuguez. A lingua pôde ser a mesma, mas está profundamente diferenciada e cada dia mais o será.

O livro do sr. Julio Nogueira é feito nesses moldes liberaes e as suas explicações, evitando sempre a regra secca e impertinente, que só apparece subsidariamente, são de grande utilidade. O seu modo de ver a collocação de pronomes, ou os gallicismos é intelligente e por esse ponto se pôde medir, entre nós, o espirito do grammatico, porque ahí é que elles mostram quando não têm espirito algum.

A segunda parte do livro é que nos parece menos util, a que pretende ensinar a composição. Aprender-se-á isso em compendio? Não é pelas artinhas que se creve musica, nem com methodos de metrica e dictionario de rima que se escreverão versos. Certa vez, perguntaram a Victor Hugo se fazer versos era difficil. O poeta respondeu que ou era facil ou impossivel. Quando muito, para desenvolver a aptidão de um alumno, que revela pendores literarios, é possível oriental-o, mas pelo trabalho directo sobre os seus escritos, fazendo com que elle proprio desenvolva as suas idéas, sobretudo para tornal-as claras, esse primeiro e principal embaraço de todo principiante. Em todo caso, os modelos do Sr. Julio Nogueira são bem feitos e podem ser uteis, talvez, ao professor, mas não acreditamos que ao alumno.

O sr. Julio Nogueira, que já nos havia dado **O Exame de Portuguez**, que é um livro de merito irrecusavel, com este novo trabalho, confirmou as suas excellentes qualidades didacticas e seu conhecimento profundo do idioma, de que hoje é um dos professores mais illustres.

“MEIA PATACA” — DE GUILHERMINO CESAR E FRANCISCO PEIXOTO

Já acentuamos aqui a vitalidade do movimento moderno, através de todos os poetas jovens que, por este Brasil afóra, nos mandam seus livros ardentes e novos. Que fim levou o soneto? Ninguem sabe delle. Os versos são livres e saborosos, cheios de sol, das nossas coisas e da alma brasileira, num aspecto de exaltação, ou de lamuria, mas, em tudo, com um esforço para interpretar os seus mysterios, os seus segredos. Imitam Ronald, imitam Mario, imitam Guilherme, imitam Manoel Bandeira. Não tem importancia nenhuma. A força renovadora dos artistas novos que, em 1922, agitaram o ambiente pesado e pas-

sadista das nossas letras, irradiou e contaminou os moços. Sentiram, na descoberta, um deslumbramento e se entregaram, cheios de sinceridade, ao espirito, que os emancipava da rotina e da servidão estrangeira. Uniram-se todos no mesmo anseio e é natural que as expressões mentoras do movimento os impressionassem fortemente. Mas, elles se libertarão desse influxo, benfasejo em todo ponto, para affirmar as personalidades reaes, que tiverem de surgir do tumulto criador.

Em Cataguazes, um grupo de moços, fundou a revista modernista “Verde” e já apparecem varios resultados da reacção. Guilherme Cesar e Francisco Peixoto publicam o livro **“Meia Pataca”** para o qual Rosario Fusco fez uma capa superrealista. O titulo parece que é para escandalizar e, no entanto, não é. E’ até um tributo ao passado. Foram os portuguezes que chamaram Cataguazes de Arraial de Meia Pataca.

Francisco Peixoto explica:

De primeiro o lugar se chamava
Arraial do Meia-Pataca
Por causa de terem achado
Num córguinho que por aqui passava
Meia-Pataca de ouro.

Os versos de Francisco Peixoto são assim, de um lirismo ingenuo, ingenuidade talvez querida, por certo querida, mas que, na sua emoção, tem uma frescura deliciosa, cheia de poesia. Por exemplo, este poema:

Você menina de-já- hoje passou
Um mundo de vezes na minha rua
Se lembra direito?

Você menina passou
Olhando desejava pra um lado, pra ou-
[outro]

Assim como quem quer...
Querendo o quê?

Movimento Brasileiro

O NOSSO REPRESENTANTE EM S. PAULO

E' nosso representante em São Paulo o Snr Felipe Godoy de Oliveira, residente á Rua Dr Abranches, 45.

AOS SNRS. ASSIGNANTES

Rogamos aos Srs. Assignantes, que não recebam pontualmente, os numeros de MOVIMENTO BRASILEIRO, que apparece sempre a 6 de cada mez, o obsequio de avisar esta Redacção, afim de reclamarmos á Sub-directoria do trafego postal.

Dix que você tem mesmo mania...
 Não tem soffrimento de viver em casa:
 Fica na rua...
 Fazendo o quê?

Si você soubesse
 Que delicias gosadas em cálculo
 Ezistirem em você...
 Sabe não?

Quando você chegou na esquina
 E se deu na vontade
 De concertar sua meia,
 Me viu na janéla
 Ou se esqueceu que meus avós
 Eram tupinambás?
 Se esqueceu?

Ha talvez um rebuscado de expressão,
 de modismo regional, que tem sido o
 grande erro de Mario de Andrade, pre-
 judicando a naturalidade da poesia. Fa-
 lar como se fala. Para que procurar fa-
 lar errado? Não será um preconceito tão
 funesto como procurar o purismo?

Guilhermino Cesar é um poeta mais
 objectivo e a impressão simultanea da
 realidade o fascina. Assim, o poema Sa-
 bará, ou Curandeiros. Outras vezes é
 um artista interior, de muita doçura e

lembra uma certa feição de Ronald de
 Carvalho. Mas, pelo lirismo, pela seduc-
 ção, nada como este **Deslumbramento**:

Morena batuta
 de seios de fruta
 novinha que dóe.
 Morena batuta
 segura essas frutas
 segura que cáem.

Meus olhos cobiçam
 delicias assim
 que a fome chegou.
 Meus olhos cobiçam.
 E doidos não vêm
 que são temporás.

Morena batuta
 de seios de fruta
 novinha que dóe.

DIVERSAS

— A Companhia Editora Nacional
 annuncia o novo romance de Afranio
 Peixoto, **Sinhazinha**.

— Chama-se **Você** o novo livro de
 versos de Guilherme de Almeida.

— Rosario Fusco acaba de publicar
Fruta de conde, poesia.

— Os manuscritos de Theophilo
 Braga foram vendidos ultimamente em
 Lisboa, por 200 mil escudos.

— Foi um verdadeiro fracasso a
 venda de autographos de Marcel Proust.
 Tudo por 46.000 francos. O que mais
 rendeu foi uma **Biblie d'Amiens**, "com
 uma dedicatoria escabrosa de Marcel
 Proust", vendida por 2.420 frs.; uma
 carta, por 1.850; uns versos, por 2.300.
 Mas houve uma carta, talvez um bilhete
 apenas, que só deu 70 francos!

— Os theatros allemães recebem do
 thesouro nacional do Reich subvenções,
 no valor de 20.286.728 marcos, o que
 equivale a cerca de 40 mil e quinhentos
 contos de réis. No entretanto, no Brasil,
 nem é bom falar nisso, pensam logo que
 é negocio...

— O sr. Alberto Rangel publicará,
 ainda este anno, **Papeis pintados**, livro
 de cronicas literarias.

— Continuando as publicações da
 Bibliotheca de Escripores Maranhenses,
 instituida pelo governo do Maranhão,
 sob a direcção do sr. Humberto de Cam-
 pos, será publicada em breve a obra de
 Yves d'Evreux sobre o descobrimento
 do Maranhão.

LYCÉE FRANÇAIS

RUA DAS LARANJEIRAS, 13 e 15

Reabertura das aulas a 1º de Março

JARDIM DA INFANCIA

Cursos Infantil, Secundario e Commercial.

EXTERNATO E SEMI-INTERNATO.

Novidades

- Fernando de Abreu — Um livro como os mais (erros e vicios da nossa formação) 1 vol. 290 pag. 9\$000
- Fernandes Figueira — Elementos de pathologia e hygiene infantis 1220 pag. illustr. encad. 60\$000
- Graccho Cardoso — Rudimentos de direito patrio tº. I., Preliminares de instrucção civica e direito constitucional — 1 vol. 320 pag. encad.. 10\$000

F. BRIGUIET & CIA

Livreiros-Editores

38, RUA SÃO JOSE' — Caixa N° 458

End. Tel. "LIBRIGUIET"

RIO DE JANEIRO

Agencia em S. Paulo: Rua Victoria, 37-A